

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

ESTHER MARIA GONÇALVES ALVES

**ESCRAVIDÃO, TRABALHO E MATERNIDADE: A EXPERIÊNCIA DE
MULHERES NEGRAS NA OBRA *UM DEFEITO DE COR* (2006), DE ANA MARIA
GONÇALVES**

UBERLÂNDIA

2023

ESTHER MARIA GONÇALVES ALVES

**ESCRAVIDÃO, TRABALHO E MATERNIDADE: A EXPERIÊNCIA DE
MULHERES NEGRAS NA OBRA *UM DEFEITO DE COR* (2006), DE ANA MARIA
GONÇALVES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura e Bacharelado em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Flávia Cernic Ramos

UBERLÂNDIA

2023

ESTHER MARIA GONÇALVES ALVES

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Ana Flávia Cernic Ramos (Orientadora)

Me. Maria Fernanda Ribeiro Cunha

Me. Maria Luzia Alves Brito

AGRADECIMENTOS

Muitos acreditam que os agradecimentos de uma monografia são umas das partes mais fáceis dessa longa e árdua caminhada que é a pesquisa, porém o medo de não dar os devidos créditos a todos aqueles que foram essenciais ao longo da caminhada é grande. Dessa forma, já peço perdão caso esqueça de elencar uma das diversas pessoas que de alguma forma colaboraram no processo de construção desse trabalho. Primeiramente, gostaria de ressaltar a importância dos meus pais nesse trajeto, já que sem o apoio de ambos não seria possível me encaminhar para o momento final da graduação. Desde sempre me apoiando e fazendo o possível e o impossível para que eu fosse feliz e realizada na profissão que escolhi exercer. Gostaria também de agradecer tudo que aprendi com minha avó que não está mais entre nós, mas que sempre terá o melhor e maior lugar no meu coração, mesmo com a saudade imensa que carrego comigo não consigo me entristecer com as memórias que tenho dos nossos momentos juntas, sempre foram os mais especiais, espero que de onde a senhora esteja sinta orgulho de onde conseguimos chegar. Agradeço também a todos os familiares que colaboraram para que esse sonho fosse realizado.

Ao longo de nossas vidas existem diversas pessoas que passam por ela, entretanto existem aquelas que nos marcam de alguma forma, e percebi escrevendo esses agradecimentos que são as mesmas que provavelmente continuaram fazendo parte das nossas vidas, nos momentos de tristeza e de conquistas, como esse. Entre essas pessoas, a primeira que gostaria de mencionar é a Aninha, minha irmã postiça, a pessoas que já dividi quase 10 anos de amizade, me auxiliou nos momentos de incertezas durante a monografia e me escutou falar sobre *Um defeito de cor* durante horas, diante disso não existem palavras para agradecer todo o companheirismo que marca nossa amizade. Mais uma dessas pessoas é o Davi, que foi quem me apresentou a UFU e me mostrou o quanto eu passaria a gostar de uma faculdade, aquele que me acompanha desde o Ensino Médio e que também esteve presente nesse ciclo vivenciado em Uberlândia. E para finalizar a lista de amigos uberabenses não poderia deixar de agradecer o apoio incondicional da minha Best, ou melhor da Jullya, uma amiga que tentava me acalmar e ajudar nos instantes em que não acreditei que conseguiria finalizar essa monografia, duvidei intensamente da minha capacidade de entregar algo minimamente razoável, foi ela quem cogitou ler um livro de quase 1000 páginas, mesmo sendo da área da saúde, para poder discutir as minhas dúvidas e incertezas, por isso não poderia deixar de agradecer todos esses momentos.

A faculdade tende a ser ambiente um pouco impessoal, onde conseguir construir relações duradouras parece um desafio intransponível, porém encontrei pessoas muito importantes que foram indispensáveis ao longo desses anos. Entre elas está a Carol, a primeira pessoa que conheci dentro da História e que foi um dos grandes encontros que a UFU me proporcionou, dividimos a realização de diversos trabalhos e foi ela quem me auxiliou em tantos aspectos na faculdade. Além dela, tive a sorte de conhecer seres humanos incríveis através da Chronos, os quais partilharam comigo momentos muito difíceis, mas também muito especiais. E por fim as duas pessoas que convivo diariamente, a Isabella, uma amiga extraordinária que dividi diversas experiências do mundo acadêmico, já que possuímos linhas de pesquisas semelhantes e compartilhamos a mesma orientadora, sem seus conselhos e aprendizados com certeza não estaria aqui neste momento e é por isso que agradeço imensamente o grande apoio ao longo do processo de monografia. E por último, mas não menos importante a Advânia, a minha dupla de tantas jornadas ao longo da faculdade, foi ao lado dela que empreendi o meu maior orgulho, a Chronos e tantos outros momentos inesquecíveis, obrigada por tanto companheirismo ao longo desses anos, sei que nossa amizade vai durar eternamente.

E não poderia me esquecer de deixar meus sinceros agradecimentos a todos os docentes que passaram na minha jornada ao longo da graduação. Entretanto, gostaria de agradecer em especial minha orientadora Ana Flávia, uma das mentes mais brilhantes que já conheci, foi ela que no início do curso despertou o meu interesse para o estudo de História e Literatura e foi ela também que me deu a certeza de que essa era a profissão que gostaria de seguir, uma das melhores aulas que já assisti durante a graduação e que certamente ficaram guardadas na minha memória. Obrigada pelos ensinamentos e a compreensão nos momentos de dificuldade e por ser um exemplo que me inspira na carreira de futura professora-pesquisadora de História. E por fim gostaria de agradecer a atenção e a disponibilidade da Me. Maria Luzia Alves Brito e Me. Maria Fernanda Ribeiro Cunha em participar da banca avaliadora da presente monografia.

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo analisar a obra *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves. O romance, que narra a história da protagonista Kehinde, é uma ficção que faz referência à história de Luiza Mahin, suposta mãe do abolicionista Luiz Gama. A pesquisa pretende analisar como as experiências das mulheres negras no Brasil oitocentistas foram retratadas na trama ficcional, principalmente no que refere ao trabalho e à maternidade negra, já que esses são temas fundamentais para se pensar as diferenças de gênero no período escravocrata e também são temáticas extremamente caras ao livro. Além do fato de toda a história girar em torno de diversas formas de trabalho, desde o escravo até o livre, perpassando as divisões internas que cada um possui, o romance também dá centralidade as experiências da maternidade na escravidão, já que Kehinde passa a história procurando seu filho livre, que fora vendido como escravo pelo pai. O estudo também pretende compreender as relações estabelecidas entre o romance e os paratextos que compõem a obra, tais como a lista de referências bibliográficas ao final do livro.

Palavras-chave: *Um defeito de cor*; Ana Maria Gonçalves; Escravidão; Trabalho feminino negro; Maternidade negra.

ABSTRACT

This monograph aims to analyze the work *A defect de cor* (2006), by Ana Maria Gonçalves. The novel, which tells the story of the protagonist Kehinde, is a fiction that makes reference to the story of Luiza Mahin, supposed mother of the abolitionist Luiz Gama. The research intends to analyze how the experiences of black women in nineteenth-century Brazil were portrayed in the fictional plot, especially with regard to work and black motherhood, since these are fundamental themes for thinking about gender differences in the period of slavery and are also themes extremely expensive to the book. In addition to the fact that the whole story revolves around different forms of work, from slave to free, permeating the internal divisions that each one has, the novel also gives centrality to the experiences of motherhood in slavery, since Kehinde passes the story looking for his free son, who had been sold into slavery by his father. The study also intends to understand the relationships established between the novel and the paratexts that make up the work, such as the list of bibliographic references at the end of the book.

Keywords: *A color defect*; Ana Maria Gonçalves; Slavery; Black female labor; Black motherhood.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1: Distribuição % relativa as áreas de conhecimento das referências bibliográficas presentes em <i>Um defeito de cor</i>	22
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição em assuntos das referências bibliográficas presente em <i>Um defeito de cor</i>	23
Tabela 2: Ocupações escravas: Salvador, 1811 – 1888.....	44
Tabela 3: Anúncio de compra/aluguel de escravas em Salvador, 1840-1841.....	47
Tabela 4: Ocupações de libertas na freguesia de Santana – 1849.....	49

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo 1 - <i>Um defeito de cor</i>: um diálogo com a história da formação da sociedade brasileira sob a perspectiva de uma escritora negra	16
I - A história como pano de fundo?	26
II- <i>Um defeito de cor</i> e a história do Brasil: discussões bibliográficas	32
Capítulo 2: Trabalho e resistência nos caminhos de Kehinde em <i>Um defeito de cor</i>	40
I - Mulheres e trabalho na historiografia brasileira	42
II - O papel do trabalho na trajetória de Kehinde	54
Capítulo 3: Maternidade negra e resistência em <i>Um defeito de cor</i>	62
I - Maternidade negra na historiografia brasileira	64
II - A maternidade negra como fio condutor em <i>Um defeito de cor</i>	70
Considerações Finais.....	77
Fontes	79
Referências Bibliográficas	79

Introdução

A literatura, ao longo dos tempos, tem realizado um movimento muito importante de buscar questionar e pautar assuntos que até então tinham sido relegados às margens da história, mas que necessitavam serem abordados e debatidos. Uma das temáticas recentemente revisitada pela literatura nacional tem sido aquela ligada à forma como a historiografia brasileira tratou a participação dos povos africanos escravizados na formação da sociedade e da cultura do país. Em materiais como os *Cadernos Negros*, por exemplo, autores puderam expressar sua arte através de poemas e outras formas de textos, apresentando questões relacionadas ao passado e ao presente afro-brasileiro, compondo publicações independentes que surgiram durante a década de 1970. Nesse materiais, buscavam valorizar os movimentos de resistência da cultura afro-brasileira, levantando debates fundamentais ao desenvolvimento da literatura produzida nos anos seguintes.¹ Assim, é possível compreender a importância dos *Cadernos Negros* para a literatura afro-brasileira, já que neles escritores negros poderiam discorrer sobre temas fundamentais para a experiência de viver numa sociedade racista, tais como a valorização da beleza negra, sobre memórias ancestrais relacionadas ao período escravocrata, descrédito em relação aos seus escritos, entre diversos outros. Essa criação dos *Cadernos Negros* foi muito importante para a caminhada de reconhecimento dessa literatura, colaborando para que autoras, de diferentes tempos históricos, como é o caso de Maria Firmina dos Reis, Conceição Evaristo e Ana Maria Gonçalves e diversas outras, ganhassem visibilidade na literatura nacional, espaço ocupado, em sua maioria, por homens brancos.

As marcas do racismo estrutural que aflige a sociedade brasileira ainda calam fundo nas vivências da população negra do país. Por outro lado, para além da violência e das marcas da escravidão no país, as lutas, as memórias, a ancestralidade e as histórias do povo negro estão latentes tanto na sociedade brasileira, quanto nas páginas da literatura produzida por homens e mulheres negras. Poder trazer à tona tais vivências e memórias, a partir de histórias como as contada por escritoras como Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis e Conceição

¹ NOGUEIRA, Isabela Pretti. *Cadernos Negros: a literatura nacional como difusão de consciência*. Centro Cultural São Paulo - CCSP; São Paulo. Disponível em: <https://centrocultural.sp.gov.br/2020/03/11/cadernos-negros-a-literatura-nacional-como-difusao-de-consciencia/>. Acesso em: 07 de março de 2023.

Evaristo é algo extremamente importante e necessário para o país.² Partindo do pressuposto de que há, por parte dessas escritoras, a necessidade de revisitar e questionar o passado (e o presente brasileiro) através da literatura, esta monografia pretende analisar a escrita de Ana Maria Gonçalves, autora do romance *Um defeito de cor*³. A intenção do presente trabalho é compreender como essa escritora reencontra e reinterpreta as histórias do passado nacional como formas de pensar o presente do país, desejando provocar reflexões que levem a mudanças, entre elas as superações das discriminações. Em *Racismo Brasileiro: uma história da formação do país*, Ynaê Lopes dos Santos busca compreender a naturalização existente em torno da estrutura racista sobre a pretensa supremacia branca. Ao longo do livro, a historiadora analisa as escolhas políticas que colaboraram para essa realidade. Além disso, devido as fontes utilizadas na discussão, mais precisamente as oficiais, percebe-se um enfoque de análise nas classes dirigente, mas isso não interfere em suas conclusões, já que a mesma parte da premissa de que a história é um campo de disputa, e que não há apenas uma versão e não exclui a perspectiva daqueles que foram escravizados.⁴

Dessa forma, ao realizar uma análise conjunta com as ideias presentes na obra de Santos, pode se perceber como a população brasileira ainda trata de forma arbitrária a questão racial, realizando um debate pautado em achismos, o que corrobora, segundo ela, para a manutenção do racismo. Mas essa afirmação não pode ser usada como desculpa para amenizar tais ações, pois todos podem superar essa “falha” e pesquisar sobre a história e a cultura afro-brasileira para que não ocorram desrespeitos e preconceitos. Uma das possíveis formas de adentrar no debate sobre essa temática são as leituras de obras que possuem como enredo a cultura do povo afro-brasileiro, obviamente essas não possuem uma pretensão de cópia da realidade, mas muitas colaboram para o levantamento de questões envolvendo o entendimento da construção da sociedade brasileira. Em específico, *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, que mergulha profundamente nas raízes africanas que constituíram a formação do país. E a partir de sua história, o romance permite que o leitor adentre inúmeros assuntos, entre eles escravidão, da abolição e pós-abolição através do olhar de Kehinde. A protagonista da história, uma escrava que sofreu diversas atrocidades, entre elas a perda de seu filho, nos conduz a essa visita ao

² As escritoras citadas na frase foram essenciais no processo de valorização da literatura afro-brasileira no Brasil, foram ganhadoras de diversos prêmios e tiveram best-sellers. Para mais informações sobre tais literatas, acesse *Literafro*. Disponível em: <http://www.letas.ufmg.br/literafro/>.

³ GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. – 23ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2020.

⁴ SANTOS, Ynaê. *Racismo brasileiro: uma história da formação do país*. São Paulo: Todavia, 2022.

passado brasileiro. Faz-se importante salientar que o papel da literatura não é um espelho da realidade e que essa discussão não se pautará nisso, mas sim na sua importância como forma de resistência e como um movimento em que escritores afro-brasileiros possam revisitar momentos históricos a partir de outras perspectivas, buscando resgatar uma ancestralidade.

Hoje já são inúmeras as obras literárias que abordam a temática do povo e da cultura afro-brasileira e esse movimento tomou grandes proporções, conseguindo alcançar lugares que eram inimagináveis, tais como o prêmio literário “Casa de Las Américas”, o prêmio Jabuti, o prêmio Leya e a personalidade literária do ano, exemplos de ganhadores do prêmio Jabuti são *Olhos d’água* por Conceito Evaristo e *Torto Arado* de Itamar Vieira Junior, os quais representam a literatura afro-brasileira. As escritas dos afro-brasileiros ganharam força com a oportunidade de que pessoas negras pudessem ocupar espaços dentro das universidades e desde então a luta se estende a várias áreas, entre elas a literatura, vista, entre outras coisas, como uma ferramenta importante que consegue atingir públicos diversos e possibilitar mudanças importantes dentro da sociedade brasileira, como a valorização da cultura afro-brasileira. Mudar sensibilidades, pautar temas, revisitar eventos, integrar novos personagens a antigas histórias, entre outros esforços tem sido feito pela literatura escrita por homens e mulheres negras. Tais escritos tem permitido que suas vozes sejam ouvidas assim como seus traumas e memórias.⁵ A produção dessa literatura que visa revisitar o passado da escravidão no Brasil suscita diversos questionamentos, entre eles o porquê da realização desse movimento. Moema Rangel, por exemplo, elenca alguns elementos abordados em textos que buscam essa transformação no papel dos negros na sociedade brasileira. Segundo a autora, entre os escritores há:

[...] a recuperação da memória coletiva, comum aos afro-brasileiros; a quebra do silenciamento imposto pelo discurso dominante; a revisão do passado colonial e o resgate da imagem do negro; a recorrente referência à cor da pele; o uso de lexemas e do aparato simbólico ligados ao cativo e ao sofrimento daí advindo; a contestação e a subversão dos valores vigentes, numa consciente e proposital desconstrução ideológica.⁶

O silenciamento é um assunto abordado por Moema Rangel, e que possui um grande significado na história da construção da sociedade brasileira. Segundo Rangel:

⁵ RANGEL, Moema Parente. “e Agora Falamos Nós”: Literatura Feminina Afro-Brasileira. *Literafro: o portal da literatura afro-brasileira*, 1996.

⁶ *Ibidem*, p. 23.

Muito se tem referido sobre o silêncio ao qual são relegados os segmentos menos favorecidos da sociedade. Silenciar, ignorar as tensões sociais, é uma das atitudes mais comuns, o recurso frequentemente empregado quando se trata da questão da discriminação racial, ao lado da omissão, o que tem implicações decisivas na formação identitária na sociedade multirracial brasileira.⁷

Importante lembrar que, ao longo da formação da sociedade brasileira, houve diversos momentos em que a história e a vida dos afro-brasileiros foram obliteradas ou silenciadas. Nesse sentido, aceitar e valorizar a ancestralidade, a cultura e os costumes africanos era algo inconcebível até décadas atrás, assim como a possibilidade de que escritores negros conseguissem ocupar locais preenchidos historicamente por brancos. O reconhecimento de elementos culturais, assim como a valorização da beleza negra, é algo necessário. É preciso enaltecer traços que sempre foram comparados e desprezados. A escritora Sônia Fátima Conceição, por exemplo, em seu poema presente nos *Cadernos Negros* nº 6⁸, busca justamente esse movimento ao assumir suas características e enaltecê-las. A seguir um trecho que permite vislumbrar esses versos:

Lá vou eu, sem mais aquela, cabelo pixaim e bela.
Uma bunda grande sem qualquer trela que cubra ela. Bela sei que sou e vou
bela.
[...] E lá vou eu de novo, em busca de um lugar onde eu possa ser bela.
Cabelo pixaim, bela, bunda grande sem qualquer trela que cubra ela, bela.⁹

Nos versos acima fica evidente a valorização dos traços físicos salientados pelo eu lírico, onde uma mulher negra se orgulha de seus atributos, mas ao mesmo tempo fica subentendido que não há uma aceitação dessas características pelos outros. Esses elementos retratados no poema por muitos anos e ainda na atualidade são em muitas ocasiões postos de forma pejorativa. Entretanto esse movimento realizado por Sônia Fátima Conceição é importante nesse caminho de transformação do olhar para a cultura afro-brasileira. Ao longo do romance de Ana Maria Gonçalves, *Um defeito de cor*, há uma passagem que dialoga com essa temática, na qual personagem principal, Kehinde, ao seu olhar no espelho pela primeira vez, se considera feia quando se compara com a filha de seu senhor, branca. Contudo, logo ela começa a enxergar sua beleza:

⁷ Ibidem, p. 4.

⁸ *Cadernos negros* 6. (org. Quilombhoje). São Paulo: Ed. dos Autores, 1983.

⁹ CONCEIÇÃO, Sônia Fátima, *Cadernos Negros*, nº 6, 1983, p. 55.

Eu era muito diferente do que imaginava, e durante alguns dias me achei feia, assim como a sinhá sempre dizia que todos os pretos eram, e evitei chegar perto da sinhazinha. Quando era inevitável, fazia o possível para deixá-la feia também, principalmente em relação aos penteados. Pegava em seus cabelos com as mãos sujas de banha ou de terra e inventava maneiras estranhas de prendê-los. [...] E assim foi até o dia em que comecei a me achar bonita também, pensando de um modo diferente e percebendo o quanto era parecida com a minha mãe.¹⁰

Antes de prosseguirmos para tais discussões, gostaria de elucidar o título do livro em questão: *Um defeito de cor*. Essa nomeação não foi escolhida ao acaso pois tal termo no período colonial relacionava-se a uma lei utilizada pelos portugueses, uma vez que precisavam ocupar os cargos de administração ou mesmo militares que se encontravam vazios e para isso incluíam os pardos. Entretanto, esses só poderiam preencher as vagas caso fosse concedida uma declaração que os dispensava de tal “defeito”, já que em uma sociedade racializada como a brasileira, não havia grande mobilidade de ascensão social. Dessa forma, era necessário realizar essa ação para que pudessem ocorrer mudanças ou mesmo por necessidade do Estado.¹¹ Outro ponto que gostaria de elucidar relaciona-se ao fato de que no romance há uma alusão clara a história de Luiza Mahin através do nome português que é escolhido no Brasil pela narradora: Luísa Gama. Na narrativa ao chegar no continente americano, um padre embarca no navio, para batizar a todos antes que pisassem em solo brasileiro, porém Kehinde se recusa e pula no mar para fugir do batismo, de acordo com a mesma: “Ir para a Ilha de Itaparica e fugir do padre era exatamente o que eu queria, desembarcar usando o meu nome, o nome que a minha avó e a minha mãe tinham me dado e com o qual me apresentaram aos orixás e aos voduns.”¹² E assim consegue fugir do batismo, apenas assumindo o nome de Luísa Gama para os brancos, mas nunca deixando de ser Kehinde, o nome que lhe foi dado por ser uma ibêji¹³ e ter nascido por último. Dessa forma, ao longo da monografia será utilizado o nome que a mesma recebeu ao nascer, Kehinde, seu nome africano.

O primeiro capítulo desta monografia busca analisar a estrutura proposta pela autora Ana Maria Gonçalves em seu livro *Um defeito de cor*, onde ficcionalizou a história de Luiza Mahin, a pressuposta mãe de Luiz Gama e um símbolo da Revolta de Malês. Ao esquadrihar

¹⁰ GONÇALVES, 2020. pp.85-86.

¹¹ CRUZ, Adélcio de Souza. Memórias da violência: “Cenas Primordiais” em *Um defeito de cor*. Literafro: Belo Horizonte.

¹² GONÇALVES, 2020. p. 63.

¹³ A nomenclatura dada para os gêmeos na cultura iorubá.

a obra podem ser identificadas algumas partes relevantes, como o paratexto intitulado “Serendipidade”, local em que Gonçalves aborda sobre o caminho percorrido até o momento da escrita do romance e seu suposto encontro com manuscritos na Ilha de Itaparica que culminaram na história do livro. A autora ao realizar a afirmação citada anteriormente, utiliza-se de um recurso comum aos literatos para creditarem mais veracidade aos seus enredos. Entretanto, essa ação também embasa a linha existente entre história e literatura, um movimento perigoso que acaba transformando uma ficção em um espelho do real. Outra seção da obra que conversa com essa ideia é a presença de referências bibliográficas ao final, as quais são incomuns em romances, já que os mesmos não possuem responsabilidade com os fatos. Tais escolhas para essa organização parecem possuir um significado, neste capítulo pretende-se compreendê-los e investigar a relação da autora com a História, já que essa utiliza-se de eventos históricos na obra e aqui buscaremos compreender se estes são apenas pano de fundo da narrativa. O segundo capítulo possui como objetivo compreender por que a autora do romance faz do trabalho um elemento essencial da história que decidiu contar sobre Kehinde e o passado brasileiro, em especial no caso das mulheres escravizadas e libertas. Já o terceiro capítulo pretende investigar as formas pelas quais a autora de *Um defeito de cor* tratou sobre o tema maternidade negra e como fez dele um elemento central para configurar uma imagem do passado escravocrata brasileiro.

Capítulo 1 - *Um defeito de cor*: um diálogo com a história da formação da sociedade brasileira sob a perspectiva de uma escritora negra

Ana Maria Gonçalves nasceu em Ibiá (MG), no ano de 1970. Publicitária de formação, permaneceu nesse ramo em São Paulo durante treze anos. Entretanto, ao realizar uma viagem para a Ilha de Itaparica, na Bahia, Ana Maria Gonçalves descobriu sua paixão pela ficção e passou a se dedicar integralmente a essa atividade. E, para isso, decidiu se mudar para a ilha e lá permanecer por cinco anos. Em uma entrevista concedida à Fundação Pedro Calmon, a autora contou sobre sua infância e abordou a influência de sua mãe como leitora compulsiva na sua formação como escritora¹⁴. Sua estreia na literatura ocorreu em 2002 com a publicação da obra *Ao lado e a margem do que sentes por mim*¹⁵. O livro possuiu edição limitada e artesanal e é caracterizado como intimista possuindo, assim como *Um defeito de cor*, uma protagonista mulher, que na trama parte para uma ilha, depois de rompimentos afetivos e profissionais. Algo que, de alguma forma, se assemelhava muito com a própria história de Ana Maria Gonçalves. Além disso, nesse romance são resgatadas algumas tradições e o folclore em torno de festas religiosas e populares, como as da Coroação de Nossa Senhora e as tradicionais festas juninas do nordeste brasileiro.¹⁶ Apesar de já demonstrar interesse em expressões culturais desde seu primeiro romance, é com sua outra obra, lançada anos depois, que ela expandiu esse universo, se aprofundando na história e cultura negras e sua correlação com a formação social brasileira. Foi com este livro que Gonçalves alcançou sucesso e repercussão nacional e internacional, ganhando, por fim, o prêmio literário “Casa de Las Américas”, um ano após sua publicação, em 2007.

A obra de Ana Maria Gonçalves intitulada *Um defeito de cor* foi publicada em 2006 e reconstrói ficcionalmente as vivências de mulheres negras (livres e escravizadas) no século XIX, focalizando suas relações com os brancos, com os mundos do trabalho, com as

¹⁴ GONÇALVES, Ana Maria. Ana Maria Gonçalves fala de leituras, escritas e produção literária negra. [Entrevista concedida a] Caroline Costa Gomes. *Fundação Pedro Calmon*, setembro de 2015.

¹⁵ GONÇALVES, Ana Maria. *Ao lado e à margem do que sentes por mim*. Salvador: Borboletas, 2002.

¹⁶ NETO, Arman. Sobre “Ao lado e à margem do que sentes por mim”, de Ana Maria Gonçalves e o alvorecer literário. *Medium*, 2018. Disponível em: <https://medium.com/impress%C3%B5es-de-maria/sobre-ao-lado-e-%C3%A0-margem-do-que-sentes-por-mim-de-ana-maria-gon%C3%A7alves-e-o-alvorecer-liter%C3%A1rio-a802c82c413>. Acesso em: 03 de setembro de 2021.

experiências afetivas e familiares, bem como com o enfrentamento do racismo cotidiano¹⁷. Algo que deve ser salientado sobre a obra é que esta trata, entre outras coisas, das violências e abusos sofridos por Kehinde, a protagonista da narrativa. Entre esses abusos estavam a violência sexual e psicológica praticadas pelo seu senhor. Tais eventos na narrativa buscam denunciar as agressões sofridas pelas mulheres nas sociedades escravistas. Outra questão importante na obra está ligada à história da resistência dessas mulheres que, cotidianamente, apesar de toda opressão e violência, criavam estratégias para se movimentar (sobreviver, enfrentar, negociar) nessa sociedade patriarcal e escravista. Tais temáticas serão incorporadas pela escritora na obra. Em sua narrativa, através da ficção, Gonçalves revisitará o passado nacional dando a ele novos sentidos, jogando luz na experiência íntima da protagonista do romance. A resistência é, sem dúvida, um elemento fundamental para Ana Maria Gonçalves na reconstrução ficcional dessas mulheres que viveram na escravidão. Na narrativa, por exemplo, enfatiza-se que, mesmo com inúmeras adversidades existentes, estas muitas mulheres preservavam, através dos recursos que possuíam, suas raízes africanas, construindo redes de solidariedade e estratégias de sobrevivência.

A obra foi escrita em primeira pessoa, sendo a narradora uma mulher negra, chamada Kehinde. O livro possui dez capítulos, com diferentes subitens. Entre os paratextos da obra estão um prólogo e uma lista bibliográfica ao final da obra. A narração se dá a partir de cartas que Kehinde escreve para seu filho, como uma forma de contar sobre sua vida e sua procura incessante por ele. A história se inicia no reino de Daomé, na África, e logo se transfere para o Brasil, devido ao tráfico de escravos que ocorria no período. Inicialmente, a narradora chega na Ilha dos Frades e logo vai para a Ilha de Itaparica, onde se torna escrava, por bastante tempo, até que seu senhor morre e ela se muda com sua senhora para Salvador. Na trama, Kehinde também passa temporadas no Rio de Janeiro e no Maranhão, antes de se regresso para a África. Ao final da obra, a protagonista regressa para o Brasil na esperança de encontrar o filho perdido.

O livro *Um defeito de cor* parte da infância de Kahinde, capturada em Benin (atual Daomé), na África, aos oito anos de idade, e que foi trazida para o Brasil para ser escravizada. A narrativa seria, segundo a própria Gonçalves declarou em entrevista, uma espécie de paralelo ficcional com a trajetória de Luiza Mahin, mãe de Luiz Gama, um importante líder

¹⁷ GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. – 23ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2020.

aboliconista, negro, jornalista e poeta brasileiro.¹⁸ No paratexto do romance, e mesmo em entrevistas dadas pela escritora, percebe-se a preocupação de Gonçalves em fazer uma pesquisa bibliográfica (e historiográfica) minuciosa, para que determinados assuntos fossem tratados com detalhes e atenção no que diz respeito, por exemplo, às descrições sobre costumes da cultura afro-brasileira. A ideia da autora certamente não era espelhar o real ou reconstruir o passado tal qual, mas dialogar com uma produção historiográfica sobre o passado das mulheres na escravidão, buscando não só verossimilhança, mas, principalmente, resgatando temas e aspectos caros ao estudo do passado das mulheres na escravidão brasileira. Em diálogo com essa produção intelectual, a autora parece buscar nos caminhos da ficção modos de trazer à tona as memórias e desafios enfrentados pelas mulheres escravizadas no Brasil. Ao longo do romance são citados eventos da história da escravidão brasileira, entre eles a Revolta de Malês (1835) e suas consequências, bem como episódios como os da abdicação do trono do imperador D. Pedro I (1831) e a morte de Tiradentes (1792). Numa espécie de passeio pelo passado nacional, a trama ficcional redesenhava a figura de Luiza Mahin sob o olhar de uma mulher negra do século XXI, sua escritora, Ana Maria Gonçalves. Nessa visita ao passado através da literatura, temas como maternidade negra e trabalho feminino negro se tornariam protagonistas. Escrito no Brasil de 2006, em contexto histórico marcado por discussões sobre a implementação das cotas raciais e do ensino obrigatório de História da África e da cultura afrobrasileira, a obra de Gonçalves narra uma história que se passa entre os anos de 1810 e 1900, recorte que não deixa de dialogar com um período essencial da formação do Brasil como Estado Nação. Mas agora todo o processo será revisitado pela ficção a partir do olhar e das vivências das mulheres negras, tanto da autora quanto de sua protagonista.

A figura histórica de Luiza Mahin, já havia ganhado contornos próprios na fala de seu filho Luis Gama que, em carta, desenhou uma biografia particular para a mãe, enfatizando sua luta e resistência contra a escravidão. Em *Orfeu da Carapinha – A trajetória de Luiz Gama na*

¹⁸ De acordo com o trabalho de Elciene Azevedo sobre Luiz Gama, mais precisamente em seu primeiro capítulo, ao buscar compreender melhor esse personagem histórico brasileiro tão importante, remete a momentos de sua escrita como sua carta autobiográfica, onde descreve um pouco sobre sua mãe. Ao longo desse relato atribui características fortes a essa mulher como altiva, geniosa, insofrida e vingativa. Assim como a sua identificação com a África estava ligada a ideias como insubordinação, e a força dos africanos de serem ou lutarem para conseguir ser os agentes de sua própria história. E ao final do capítulo a autora conclui ser essa construção da memória de Luiza Mahin como um resgate de Luiz Gama as suas memórias africanas, sendo essa mãe uma forma de aproximação com elementos e sua identidade africana.

Imperial Cidade de São Paulo, Elciene Azevedo mostra como Gama recriou essa mãe, que ganha uma dimensão “mítica”, símbolo das lutas que ele próprio havia tomado como suas¹⁹. Em sua descrição da mãe, Gama faz caracterizações físicas e de sua personalidade, assim como imputa ela uma importância dentro da Revolta de Malês, movimento insurgente de escravos que ocorreu na cidade de Salvador, na Bahia, no ano de 1835. Considerada a maior revolta de escravos do Brasil, Malês ficou conhecida pela participação dos africanos muçulmanos.²⁰ Segundo Elciene Azevedo, Luiz Gama, em sua carta autobiográfica, elencava as características de Luiza, tida por ele como altiva, geniosa, insofrida e vingativa. Na missiva, o abolicionista se refere a uma passagem em que Luiza Mahin teria se recusado a ser batizada, destacando seu enfrentamento perante as opressões senhoriais. Na descrição surgiria também seu dom para o comércio. Ao analisar as características da personagem criada por Ana Maria Gonçalves no romance percebem-se muitas semelhanças de Kehinde, a protagonista da história, em relação a essas descrições feitas por Luiz Gama, que certamente pode estar entre os materiais de inspiração para a escrita do romance. Tal constatação nos permite indagar se Gonçalves teria utilizado desses trabalhos acadêmicos como inspiração ou interlocutores na construção do romance.

Ana Maria Gonçalves não parece ter como objetivo a confirmação da existência da figura de Luiza Mahin nesses contornos dados por Gama, mas certamente viu na descrição do abolicionista um mote importante para resgatar histórias de mulheres negras na escravidão, enfatizando seu protagonismo e resistência ao regime escravista. Em busca da construção de uma ancestralidade africana, tal qual o menino negro/homem, abolicionista, que buscava na imagem da mãe a coragem, os costumes e a cultura de seu povo, Ana Maria Gonçalves retoma à figura de Mahin para inspirar sua literatura e sua protagonista, Kehinde. Essas suposições estão contidas no início do livro *Um defeito de cor* na parte intitulada “Serendipidades!”, como mostra o trecho a seguir:

Especula-se que ela pode ser apenas uma lenda, inventada pela necessidade que os escravos tinham de acreditar em heróis, ou, no caso, em heroínas, que apareciam para salvá-los da condição desumana em que vivam. Ou então uma

¹⁹ AZEVEDO, Elciene. *Orfeu da Carapinha – A trajetória de Luiz Gama na Imperial Cidade de São Paulo*. São Paulo: Unicamp, 1999. p.41-42.

²⁰ REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp.125-157, pp.175-180, pp.246-282 e pp.545-549. Vale lembrar que os estudos existentes sobre a Revolta dos Malês enfocam especialmente a atuação de homens no levante.

lenda inventada por um filho que tinha lembranças da mãe apenas até os sete anos, idade em que pais e mães são grandes heróis para seus filhos.²¹

Logo, como afirma a autora e como fica claro nas reflexões de Elciene Azevedo, não se pode afirmar muito sobre a real existência de Luiza Mahin, e nem é o objetivo do atual trabalho. Na primeira parte de seu livro, Gonçalves sugere a existência de manuscritos encontrados na Bahia, que seriam cartas escritas por Kehinde e que foram a origem do romance. A indicação, logo nas primeiras páginas do romance, pode ser interpretada como uma tentativa de dar verossimilhança ao enredo, embaçando as fronteiras entre realidade e ficção. A estratégia não era nova. O flerte com a história com “H” maiúsculo e a referência a documentos, diários ou cartas reais sempre foi um recurso comum utilizado por escritores para iniciarem suas obras.²² A seguir o trecho em que Ana Maria Gonçalves realiza essas afirmações:

Se eu me apropriasse da história, provavelmente a autoria nunca seria contestada, pois ninguém até então sabia da existência dos manuscritos, nem em Itaparica nem alguns historiadores de Salvador para quem os mostrei [...]

Nunca é demais lembrar que [trechos das cartas de Kehinde] tinham desaparecido ou estavam ilegíveis várias folhas do original, e que nem sempre me foi possível entender tudo o que estava escrito. Optei por deixar algumas palavras ou expressões em iorubá, língua que acabou sendo falada por muitos escravos, mesmo não sendo a língua nativa deles. Nestes casos, coloquei a tradução ou a explicação no rodapé. O texto original também é bastante corrido, escrito por quem desejava acompanhar a velocidade do pensamento, sem pontuação e quebra de linhas ou parágrafos. Para facilitar a leitura, tomei a liberdade de pontuá-lo, dividi-lo em capítulos e, dentro de cada capítulo, em assuntos. Espero que Kehinde aprove o meu trabalho e que eu não tenha inventado nada fora de propósito. Acho que não, pois muitas vezes, durante a transcrição, e principalmente durante a escrita do que eu não consegui entender, eu a senti soprando palavras no meu ouvido. Coisas da Bahia, nas quais acredita quem quiser...²³

Ao analisar as ideias presentes no artigo de Fabiana Carneiro da Silva, intitulado “Quando o que se discute é a realidade: *Um defeito de cor* como provocação à história”²⁴, uma lógica apresentada para esse movimento de Ana Maria Gonçalves em escrever esse prólogo seria algo que propositalmente esbarrasse na história. Nessa parte inicial do livro Ana Maria Gonçalves afirma sobre as coincidências e encontros da vida em que não se procura, mas onde já se está preparado. Essa seria a definição para o nome do prólogo – “Serendipidades”. Nesse

²¹ GONÇALVES, 2007, p.16.

²² SILVA, Fabiana Carneiro da. Quando o que se discute é a realidade: Um defeito de cor como provocação à história. *Afro-Ásia*, núm. 55, pp. 71-108, 2017.

²³ GONÇALVES, 2007, p.17.

²⁴ SILVA, 2017, pp.71-108.

espaço, a autora vai construindo a concepção das diversas serendipidades que foram acontecendo em sua vida até o momento que se deparou com as supostas cartas. A seguir um trecho do artigo de Fabiana Silva que colabora e esclarece melhor a ideia acima enunciada:

Quando *Um defeito de cor* recupera o recurso literário clássico que afirma o encontro das fontes documentais a que ele deveria a existência, também se invoca, portanto, um lugar de enunciação que pertence à História. Logo, não é ingênua a menção aos historiadores feita no trecho supracitado. O prólogo desloca a oposição Literatura e História, resguardando alguma possibilidade de vantagem para a primeira, pois, além do acesso ao material e à manipulação de seu conteúdo, o conhecimento privilegiado da fonte possibilitaria à autora-personagem, se assim ela quisesse, uma apropriação indevida da história. Gera-se, desse modo, uma indeterminação em relação ao caráter ficcional da obra e, desde o início do romance, instaura-se uma tensão que o livro estabelece com a ideia de verdade e, num mesmo contínuo, como mencionamos, um diálogo com o campo do saber delimitado pela disciplina História.²⁵

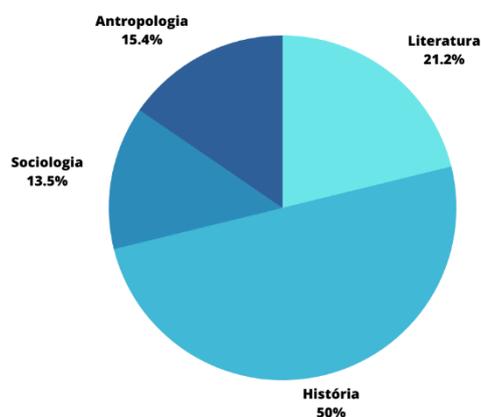
Dessa forma, segundo Santos, a literatura nesse livro buscaria incitar a história em momentos que essa “se silenciara” como, por exemplo, em relação a participação das mulheres em eventos como a Revolta de Malês. Além disso, é preciso destacar que, na parte final da obra, Ana Maria Gonçalves elenca a bibliografia consultada por ela durante o processo de confecção da obra ficcional. Antes de listá-las, a autora afirma: “Esta é uma obra que mistura ficção e realidade. Para informações mais exatas e completas sobre os temas abordados, sugiro as seguintes leituras”²⁶, reafirmando essa relação em seu livro de real e imaginário ou mesmo um momento para instigar o leitor a buscar mais entendimento sobre os assuntos abordados na obra e, a partir dessa construção de repertório sobre a temática, identificar os momentos que a autora se utiliza dos recursos de outras áreas do conhecimento. Para saber mais, consultar o anexo I desta monografia, em que estão listadas as obras que Gonçalves colocou na bibliografia final de *Um defeito de Cor*.

Ao analisar essa bibliografia indicada por Gonçalves, pudemos identificar 52 obras de diversas áreas, tais como a Sociologia, a Antropologia, a História e a Literatura. Também estão listadas algumas fontes primárias de arquivos públicos. A seguir um gráfico que distribui a porcentagem de estudos de cada área do conhecimento citada anteriormente:

²⁵ SILVA, 2017. p.5.

²⁶ GONÇALVES, 2020, p. 949.

Gráfico 1: Distribuição % relativa as áreas de conhecimento das referências bibliográficas presentes em *Um defeito de cor*



Fonte: elaborada pela autora com base na análise das bibliografias de *Um defeito de cor*

Entre os autores citados nessa lista final indicada pela autora estão nomes como – Roger Bastide com sua obra *As Américas Negras*, Pedro Calmon com *História social do Brasil* (vols. 1, 2 e 3) e *Malês, a insurreição das Senzalas*, Gilberto Freyre com *Casa-grande & Senzala*, Sérgio Buarque de Holanda com *Raízes do Brasil*, Kátia M. de Queiros Mattoso com *Da revolução dos alfaiates à riqueza dos baianos*, Florestan Fernandes com *Significado do protesto negro*, André João Antonil com *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, Sud Menucci com *O percussor do abolicionismo no Brasil: Luiz Gama*, Antônio Olinto com *A casa da água*, Edison Carneiro com *Os candomblés da Bahia*, João Ubaldo Ribeiro com *Viva o povo brasileiro* e Nina Raymundo Rodrigues com *Os africanos no Brasil*.

Ao analisar o percentual do gráfico acima percebe-se que a Ana Maria Gonçalves, ao longo de sua jornada na escrita de *Um defeito de cor*, se deparou com muitos trabalhos historiográficos e o restante se fragmentou equilibradamente entre a Literatura, Sociologia e Antropologia. E, ao perscrutar o romance, são perceptíveis diversas influências historiográficas, como as discussões sobre Luiza Mahin e a história de Luiz Gama no trabalho de Elciene Azevedo, assim como as pesquisas de João José Reis que estão inseridas nas diversas relações que cercam o cotidiano dos negros ao longo da narrativa, entre diversos outros. E no que tange aos assuntos abordados nessas pesquisas o gráfico a seguir colaborará no estudo:

Tabela 1: Distribuição em assuntos das referências bibliográficas presente em *Um defeito de cor*

Assunto:	Quantidade de trabalhos:
Religiões	6
Revoltas	5
Povo negro e Escravidão	20
Luiz Gama	2
Rio de Janeiro	2
Bahia	7
Brasil	6

Fonte: elaborada pela autora com base na análise das bibliografias de *Um defeito de cor*

Acima estão contabilizadas a maioria das obras bibliográficas presentes ao final do romance de Ana Maria Gonçalves. Ao realizar a análise dessa listagem, foi possível identificar temas recorrentes na narrativa como, por exemplo, a história sobre os locais em que o romance se estabelece: Rio de Janeiro e Bahia²⁷. Além disso, a história do Brasil e temáticas usuais como Revolta e Religião, e a figura de Luiz Gama e Luiza Mahin. Em maior quantidade estão as pesquisas que abordam questões relativas ao povo negro, seus costumes e a formação da cultura nacional, afrobrasileira. Também há estudos sobre a escravidão e tudo que a cerca²⁸. Logo, evidencia-se que, ao longo da escrita do romance, a autora se deparou com encontros com aquilo que não procurava, mas onde já se está preparado, ao pensar sobre as diversas serendipidades que ocorrem ao longo da escrita do livro. Tais encontros, podemos dizer, parecem ter permitido a construção de uma narrativa focada em revisitar o passado com o auxílio da historiografia e outras áreas do conhecimento, para que discussões e apagamentos

²⁷ Como por exemplo *A corte de D. João no Rio de Janeiro* – Vol. III de Luiz Edmundo, Memórias da Rua do Ouvidor de Joaquim Manuel de Macedo em relação ao Rio de Janeiro e sobre a Bahia há *A Bahia do século XVIII – Volume I, II e III* de Luís dos Santos Vilhena, *Notícias da Bahia* de Pierre Verger, *Bahia, Século XIX* de Kátia M. de Queiros Mattoso e *Bahia de Todos os Santos* de Jorge Amado.

²⁸ Como por exemplo *Da fuga ao suicídio* de José Alípio Goulart, *Ser escravo no Brasil* de Kátia M. de Queiros Mattoso, *Os libertos* de Pierre Verger, *Sobrados e Mucamas* de Gilberto Freyre e *Negros, estrangeiros – os escravos libertos e sua volta à África* de Manoela Carneiro da Cunha.

fossem enunciados, mas agora na literatura. Obviamente muitos livros são oriundos dessa mistura de ficção e realidade (e isso não significa que esses almejem essa aproximação com a história), mas é interessante questionar a presença dos paratextos, como fez Santos, ao buscar compreender o porquê dessas escolhas de Ana Maria Gonçalves. E ao realizar esse movimento a autora conclui que:

Até então, vimos que, em termos gerais, o livro *Um defeito de cor* realiza uma **provocação ao discurso histórico** [grifos nossos] que, por meio de aspectos formais de sua constituição, bem como da situação e do momento de leitura que ele evoca, recupera e instaura um debate que tem, como fundamento, a relação entre ficção e verdade e entre linguagem e realidade. Procurei mostrar em que sentido a obra incorpora elementos da História e diante dela se coloca numa dinâmica caracterizada por uma dupla ação. A primeira seria reivindicar o estatuto de verdade atribuído ao discurso histórico; a obra assim se oferece como **atestado simbólico e efetivo da existência de outras mulheres negras que, como Kehinde, experimentaram e resistiram ao sistema escravista sem se deixar subtrair por ele** [grifos nossos]. Nesse sentido, a obra explicita um desejo de intervenção e compromisso social que põe em xeque a delimitação da Literatura enquanto espaço autônomo em relação a outras esferas sociais, isto é, ela refuta o próprio estatuto de autonomia que a constitui como um romance ao ter como pressuposto implícito sua caracterização não como representação do real, mas como o real em si, isto é, um elemento constituinte do jogo de significações da experiência.²⁹

Ao analisar as ideias de Fabiana dos Santos, fica clara sua percepção de que há uma provocação feita à historiografia em *Um defeito de cor*, em especial no que tange aos debates sobre ficção e verdade, e ainda sobre linguagem e realidade. Isso porque, segundo ela, Gonçalves resgatava elementos da História, embaçando as delimitações da Literatura. Considerando as especificidades dos métodos históricos de análise, aos quais a autora de *Um defeito de cor* não teve quaisquer contatos em sua trajetória acadêmica e profissional, não é possível afirmar que Ana Maria Gonçalves realizou, através de seu romance, uma análise historiográfica do passado. Todavia, a literatura é um meio muito significativo para dar voz às dores do povo afro-brasileiro e é a forma utilizada por Gonçalves para suprir carências de uma história oficial que não se dedicava às temáticas negras, como ela propõe. Assim, no que tange o prologo e à lista bibliográfica adicionados como paratextos do romance, sendo essa última incomum em obras literárias, pode-se depreender que, independentemente das motivações

²⁹SILVA, 2017, p.15.

relacionadas a críticas a história, esse movimento permite incentivar os leitores a buscar conhecimento sobre o assunto. Ao realizar esse movimento de buscar compreender os anseios da autora de *Um defeito de cor*, fica cada vez mais clara a sua necessidade de utilizar da história não apenas como pano de fundo, mas um elemento importante na construção da narrativa vista a partir da perspectiva de uma mulher negra ao perpassar por momentos da história do Brasil e da construção da sociedade brasileira evidenciando as participações do povo afro-brasileiro nesse processo.

Por outro lado, é importante dizer que o que interliga toda a narrativa do romance é a procura de Kehinde por seu filho, vendido pelo próprio pai, um português, por motivos de dívidas. Nessa busca incessante pelo filho, abolicionista e que resistia também às agruras de uma sociedade escravista, a personagem principal encontra-se, na maior parte da história, envolvida com assuntos políticos que permeavam o Brasil naquele período, como, por exemplo, a Revolta de Malês, mas a sem perder de vista seus dilemas pessoais, entre eles o desafio da maternidade no mundo da escravidão e o enfrentamento de um sistema escravocrata de forma a se manter, financeiramente, e assegurar sua autonomia. A narradora e protagonista do romance é uma mulher de negócios: inicialmente realiza a venda de cookies no Brasil até conseguir montar uma padaria. Após algumas adversidades, começa a vender charutos e na África consegue se estabelecer com a construção de casas que se assemelhavam as do Brasil. Mas antes, disso, Kehinde realizou o comércio de armas. Mesmo com muita dificuldade, ela estava sempre lutando para conseguir superar os desafios da escravidão e dos preconceitos estruturais da sociedade a qual pertencia.

Por último, outro ponto que merece ser elucidado relaciona-se ao sentimento que se mostra presente ao longo do livro: o de não pertencimento a nenhum lugar (culturalmente falando) dessa personagem. Não se sentindo nem totalmente africana, nem totalmente “brasileira”, a protagonista do romance tematiza, entre outros, a formação de uma cultura nova, com suas especificidades, a que chamaremos de cultura afro-brasileira³⁰. Como observado, muitos são os temas tratados por Ana Maria Gonçalves no romance, temas que vão desde as relações escravistas, a organização do trabalho das mulheres no mundo da escravidão, às

³⁰ Formação relativa à temática cultura afro-americana através do curso ofertado pela Prof. Dr. Ana Flávia Cernic Ramos.

relações afetivas e a inserção delas naquela sociedade. Partindo do pressuposto que a literatura não é espelho do real, concluímos que o romance não pretende reconstruir a realidade tal como era, mas pautar questões, problemas históricos, desafios sociais e principalmente a memória que se tem das experiências das mulheres negras no século XIX através da literatura produzida no século XXI, pensada a partir das especificidades de seu próprio tempo histórico, 2006, e das demandas e questões sociais surgidas dele.

I - A história como pano de fundo?

Como já foi dito, o livro de Ana Maria Gonçalves foi escrito em primeira pessoa, sendo a narradora uma mulher negra, o que teria possibilitado destacar o protagonismo das mulheres na escravidão, permitindo que as memórias fossem relacionadas não só aos momentos de violência, mas também de solidariedade, resistência e trabalho. Conduzidos pelo olhar da personagem Kehinde, em toda a narrativa fica muito latente o papel fundamental das redes de solidariedade (em especial entre mulheres) que se formam em torno da protagonista em diversos momentos da trama. A imagem da personagem Esméria, por exemplo, que ajuda Kehinde desde o momento em que ela chega na fazenda, onde trabalha na casa-grande e também no campo, se tornando uma espécie de mãe da protagonista, acompanhando-a pelo resto da vida, é uma das passagens que explicita tais redes³¹. Além disso, há as cozinhas comunitárias e grupos que se organizavam para arrecadar fundos para as compras de alforrias³². Existem diversos momentos na narrativa em que se pode observar a união entre os negros escravizados e outros personagens negros da trama, entre livres e libertos.

Outro ponto tratado no romance, recorrente na vida da personagem principal, são os atos de violência, principalmente a sexual. O livro, logo no início, mostra a morte da mãe e do irmão de Kehinde. A mãe, estuprada pelos guerreiros do rei Adandozan, mostra a fragilidade da condição feminina nos dois lados do Atlântico. A violência se repete depois quando seu senhor a estupra, seguido da castração e estupro do seu futuro marido, Lourenço. Logo, fica evidente como a violência estava presente na vida dessa personagem, pautando na trama a questão de um cotidiano marcado por agressões. E essas ações poderiam culminar em gestações, a partir das quais os filhos nasciam condenados à escravidão.

³¹ GONÇALVES, 2007, pp.76-77.

³² Ibidem, pp.238-239.

Ao pensar sobre o tema pautado por Ana Maria Gonçalves, o artigo “Localizando a mulher escravizada nos Mundos do Trabalho”³³ busca discutir as várias formas de exploração de trabalho dessas mulheres no período da escravidão no Brasil. Nele, Sousa e Tardivo destacam a discussão sobre o trabalho reprodutivo e o produtivo das mulheres. O primeiro relacionado à condição feminina de gerar outro ser humano, que nasceria na condição de escravo, gerando lucro para o senhor; e o segundo associado à produção de riqueza a partir da exploração da força de trabalho, que poderia ocorrer no meio urbano ou rural. A temática do trabalho e da exploração dessa mão-de-obra pelos senhores é algo presente e relevante dentro da narrativa. As relações estabelecidas, assim como as formas pelas quais as mulheres eram exploradas ganham destaque na história. A exploração da maternidade é uma delas. O abuso sofrido pelas escravizadas ganham as páginas do romance de Gonçalves, sendo descrito em sua violência e exploração. Por outro lado, o trabalho que era a síntese da exploração também é visto pela autora como o instrumento para a saída da escravidão. Kehinde consegue sua alforria, e das pessoas próximas a ela, fazendo comércio, revelando uma análise mais profunda das relações que permeavam o mundo oitocentista pela autora do romance.

Outro ponto importante sobre a trama diz respeito à forma como Ana Maria Gonçalves aborda alguns episódios da história do Brasil. Se num primeiro momento os eventos históricos parecem estar sendo utilizados apenas como um pano de fundo para a narrativa, ao analisar e refletir mais sobre tais passagens, pode-se depreender outro movimento utilizado pela autora: abordar assuntos a partir de perspectivas diferentes em contraponto com os sentidos comuns que a maioria da população brasileira do século XXI está familiarizada sobre a escravidão e sobre o passado brasileiro. Sentido comum muitas vezes pautado pela visão dos grupos dominantes, já que a maioria dos documentos e formas de registros manuseadas por historiadores eram oriundas dessas pessoas. Obviamente, atualmente a história não está mais refém apenas desses meios, utilizando-se de documentos dos mais diversos, lidos agora buscando encontrar os grupos subalternos e suas vozes. Numa tentativa de reler ou reinterpretar esse passado sob nova perspectiva, a literatura aprofunda a proposta de recontar tais histórias (ficcionalmente) sob o ponto de vista daqueles que foram muitas vezes silenciados ou que viviam à margem das estruturas de poder. Através da ficção, Gonçalves revista os episódios da Independência do

³³ SOUSA, Caroline Passarini. TARDIVO, Giovana Puppini. HAACH, Marina Camilo. Localizando a mulher escravizada nos Mundos do Trabalho. *Cantareira*, 34^a ed. Jan-Jun, 2021.

Brasil, da abdicação do trono por D. Pedro I em favor de seu filho D. Pedro II e da Revolta de Males sob o olhar de uma mulher negra. A proposta, dessa maneira, está longe de tratar tais eventos como pano de fundo, mas reinterpreta-los sob novo olhar. O primeiro episódio aqui destacado ocorre quando Kehinde, ainda jovem, conta com suas palavras relembra a Independência:

Em uma manhã de primavera, e de setembro, primeiro chegou o barulho de rojões e de tiros de canhão, e depois a notícia de que o Brasil estava livre de Portugal. Isso foi comemorado em surdina na casa, pois era notícia que mão queriam que chegasse à senzala grande, com medo da empolgação dos pretos. Mas o tico e o Hilário ficaram sabendo e correram para contar, o que fato provocou certa inquietação, sendo preciso que o capataz Cipriano fosse alertar o sinhô José Carlos sobre a euforia dos pretos que, não entendendo direito o acontecimento e atendo-se à palavra “liberdade”, queriam saber como é que ia ficar a situação deles. [...] Mandou também que Cipriano explicasse que nada tinha mudado para os escravos, que os pretos não eram um país, que não pertenciam de fato a nenhum país e, quando muito, alguns poucos poderiam ser considerados gente, quanto mais falar de liberdade.³⁴

No trecho acima do romance podemos perceber a tentativa de abordar as formas pelas quais a Independência do Brasil foi recebida e como isso afetou ou mesmo não afetou o povo afro-brasileiro no livro. Ao realizar essa análise percebe-se como havia um entendimento do assunto entre os escravos, já que esses conversavam sobre política na senzala e nesse momento buscavam saber as implicações que esse evento teria para eles. Nessa época, Kehinde inicia um envolvimento amoroso com Lourenço, um escravo que trabalhava no engenho, momento em que faziam planos para o futuro, mas nesse mesmo período seu senhor começa a enxergá-la como mulher e deixa clara as suas intenções de que seja o primeiro a ter intercursos sexuais com ela, o que acaba se consolidando e gerando uma gravidez. Outra passagem presente no mesmo capítulo, na parte nomeada “Conversas”, a narradora relembra uma discussão política sobre esse mesmo assunto e corrobora para compreender a visão da personagem, a qual é extremamente interessante:

Falavam de política, um assunto que eu já tinha ouvido comentarem na senzala grande, sobre o Brasil se tornar independente de Portugal e os escravos se tornarem independentes dos seus donos. [...] - estavam entendendo, já tinham ouvido falar e queriam saber resultados pra eles...

A mesma liberdade que eles queriam para governar o próprio país, nós queríamos para as nossas vidas. A exploração era a mesma e até mais

³⁴ GONÇALVES, 2007, p. 164.

desumana, porque se tratava de vidas e não apenas do pagamento de impostos e da ocupação de cargos públicos.³⁵

Ao examinar o trecho acima percebe-se um entendimento da narradora sobre a realidade em estava inserida, um contexto de privação de liberdade versus a autonomia do Brasil em relação a Portugal. E há uma comparação realizada por Kehinde que comprova seu conhecimento acerca das discussões políticas que ocorriam no país, ao julgar ainda mais desumana a ausência de liberdade de pessoas a países.

E o segundo exemplo de episódios históricos que surgem na trama do romance refere-se à abdicação do trono por D. Pedro I em favor de seu filho D. Pedro II. Nesse período Kehinde já havia conquistado sua alforria e a de seu filho, assim como de sua amiga, Esméria, através da venda de cookies. Encontrava-se residindo em um sítio e estava em um relacionamento amoroso com Alberto, um português, que concebera um filho com a personagem principal. Além disso, Kehinde já possuía uma padaria, nomeada “Saudades de Portugal”. A seguir uma parte da obra que aborda a temática da abdicação:

[...] Gritavam que queriam o Brasil para os brasileiros e cometiam muitos atos de violência contra os portugueses, suas famílias e seus negócios.

Nossa primeira providência foi mudar o nome da padaria de Saudades de Lisboa para Pão da Terra, na esperança de que não sofresse saques, ou depredações.³⁶

No trecho citado acima percebe-se como esse movimento brasileiro contra a permanência dos portugueses afetou a família de Kehinde, já que essa possuía um relacionamento amoroso com um português. Estavam temendo as ações violentas e as depredações de seu negócio que, até o momento, possuía um nome que remetia a Portugal. Devido aos acontecimentos, o nome foi logo alterado para evitar estragos em seu empreendimento. Percebe-se, assim, que na narrativa os acontecimentos da vida pública afetam a vida particular da personagem. Abaixo outra passagem da obra que discorre sobre esse momento histórico:

Certo dia, o Alberto e o Doutor José Manoel voltariam da Graça, onde tinham ido visitar um amigo, com a notícia da abdicação do imperador D. Pedro I. Desde aquela noite das garrafadas ele não tinha conseguido controlar a situação na corte e suspendeu os direitos constitucionais por alguns dias. Mas o povo não aceitou o golpe nem as tentativas de negociação, e se uniu sob o

³⁵ Ibidem, pp.156-157.

³⁶ Ibidem, pp. 425-426.

comando de um general brasileiro. D. Pedro I reuniu as tropas oficiais e quis avançar contra o povo, mas foi abandonado por seus soldados em meio a uma multidão que exigia a sua renúncia. Foi o que se viu obrigado a fazer, abdicando em favor de seu filho, D. Pedro II, um menino ainda, mas brasileiro.³⁷

A passagem acima descreve a partir da perspectiva da narradora os acontecimentos relacionados a abdicação em favor de D. Pedro II. Abordando a “Noite das Garrafadas”, uma revolta que aconteceu no Rio de Janeiro em 1831 envolvendo portugueses partidários do imperador Dom Pedro I e brasileiros que lhe faziam oposição, a autora retoma a mesma estratégia. O episódio ganhou esse nome devido ao fato de que foram utilizadas garrafas pelos que estavam contrários ao imperador. Esse episódio marcou a crise do Primeiro Reinado e o acirramento entre os dois grupos.³⁸ No dia 07 de abril de 1831, o povo se aliou sob o comando de um General para pressionar a renúncia de D. Pedro I, o que acabou acontecendo. Ao refletir sobre tais acontecimentos históricos, a partir da perspectiva de Kehinde, pode-se perceber uma visão sob o olhar da população negra do Brasil. Ao longo dessa seção em que esse episódio é citado na trama, a personagem principal discorre sobre a sua visão sobre o acontecimento e até mesmo a participação de negros nesse movimento, isso fica expresso na seguinte parte:

Livres, os ex-escravos rumavam para a capital, à procura de trabalho ou atrás do sonho de embarcar para a África ou para o sul do país, principalmente para Minas Gerais. Como não encontravam trabalho na capital e viam que o sonho era muito mais caro e difícil do que imaginavam, nada restava a não ser mendigar pelas ruas ou roubar. Eram esses pobres-diabos que também engrossavam as revoltas, miseráveis que os organizadores mandavam na frente porque não fariam falta se morressem.³⁹

O outro evento histórico importante abordado no romance é a Revolta de Malês, ocorrida no ano de 1835 em Salvador na Bahia. O episódio tem uma grande importância dentro da narrativa pois, na medida em que narra o conflito, Kehinde o descreve mostrando como a disputa foi injusta e desigual, já que os brancos possuíam armas de fogo. Em seu relato, Kehinde exprime um sentimento de raiva ao ver seus amigos e companheiros de luta mortos.⁴⁰ Nesse momento da narrativa a personagem principal já havia perdido seu filho mais velho, morto em um acidente com uma faca. E havia também se separado de Alberto que, almejando a cidadania

³⁷ Ibidem, pp. 425-426.

³⁸ VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil imperial: 1822-1889*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

³⁹ GONÇALVES, 2007, p. 423.

⁴⁰ Ibidem, p. 466.

brasileira, casou-se com uma mulher branca nascida no país.⁴¹ Além disso, Kehinde se desfaz de sua padaria e começa a lidar com a produção e venda de charutos.⁴² Nesse sentido, inicia o processo de aproximação com o grupo que era a base da revolta, os islâmicos. Algum tempo depois desse episódio, aqueles que foram presos acabaram sendo julgados, outros foram obrigados a deixar a Bahia, mesmo não tendo participado do conflito. Na narrativa ecoam as repercussões da revolta, entre elas o medo de novos levantes por parte das autoridades. A seguir um trecho aborda o processo de acusação e defesa dessas pessoas:

O que estava em jogo não era apenas a participação dos pretos na revolta, mas também a defesa do Deus do Brasil contra os feiticeiros da África. Eram esses os termos usados pelos promotores, e o Doutor José Manoel disse que contra os ataques à soberania nacional e à fé cristã não havia defesa. Eles diziam que os pretos queriam roubar o Brasil dos brasileiros, profanar os templos católicos e incendiar as propriedades, o que em parte era verdade, mas também era verdade que vinham fazendo isso com os pretos havia muitos anos. Eles nos tiravam do nosso país e das nossas propriedades, faziam nosso batismo na religião deles, mudavam nossos nomes e diziam que precisávamos honrar outros deuses. O argumento utilizado pelos advogados ou pelos réus que faziam a própria defesa era que os pretos tinham seguido à risca todas as vontades dos brancos, tinham passado a gostar da nova terra, dos donos e seus santos, e que, portanto, mereciam continuar fazendo parte da sociedade.⁴³

Algum tempo depois da revolta, a vida de Kehinde começa a voltar ao normal até que é presa e necessita fugir de Salvador⁴⁴. Tempos depois, devido a dívidas de jogo, Alberto, o pai de seu segundo filho, o vende como escravo.⁴⁵ Ana Maria Gonçalves, ao escrever sobre a Revolta de Malês e inserir uma mulher negra na mesma, faz uma provocação a história, já que essa não possui estudos significativos que mostrem a participação de mulheres nessa revolta. Existindo apenas a simbologia de Luiza Mahin como personagem importante desse episódio histórico, sendo importante salientar que sua existência nunca foi comprovada. Dessa forma, percebe-se como a autora ajuda a pensar esse momento histórico a partir de uma mulher negra ao expor como Kehinde participou ativamente de parte da construção do movimento, assim como estava presente no dia do ocorrido enfrentando as forças policiais e lutando por mudanças em sua realidade e de seu povo, dialogando com as ausências na história da formação do Brasil.

⁴¹ Ibidem, p.450.

⁴² Ibidem, p.474.

⁴³ Ibidem, p. 541.

⁴⁴ Ibidem, p. 569.

⁴⁵ Ibidem, p.633.

Ao analisar os eventos históricos citados anteriormente pode-se perceber que todos possuem uma grande importância na história brasileira. No processo de independência do Brasil, narrado no livro, não há mudanças na condição dos escravos, o que também não ocorre na abdicação de Dom Pedro I, onde a privação da liberdade permanece, mas essa segregação não implica na alienação política do povo afro-brasileiro, ao longo dos episódios fica claro o conhecimento e os debates que permeavam a senzala. E a Revolta de Malês mesmo sendo uma insurreição extremamente marcante na luta contra a escravidão na obra, permite uma reflexão sobre a exclusão existente na historiografia das mulheres nesse movimento. Logo, *Um defeito de cor* ajuda a pensar sobre a formação do Brasil e da sociedade brasileira e como a independência e eventos posteriores estão amarrados em torno do interesse na manutenção da escravidão pela elite. Por outro lado, há uma memória de apagamento das classes populares e da população negra nesses eventos políticos, nas disputas e tensões existentes como essa excluiu em muitos momentos os negros, mas a partir de histórias como a de Ana Maria Gonçalves revisitar o passado a partir da perspectiva de uma mulher negra escravizada. E diante disso discutir o presente, já que ainda na atualidade existem resquícios da escravidão.

II- *Um defeito de cor* e a história do Brasil: discussões bibliográficas

O processo de revisitar o passado do Brasil buscando reinterpretar ou compreender o papel exercido pelos africanos e seus descendentes na formação da nação tem sido objeto de interesse de vários intelectuais negros brasileiros. Segundo Eduardo de Assis Duarte, a revisitação do passado funcionaria como uma:

“[...] senha para a busca daqueles recônditos ocultos nos discursos estabelecidos; esforço de compreensão da dinâmica histórica desde os começos até as heranças vivas no presente, em sua concretude material, social e, também, subjetiva; olhar indagador sobre aquele continente emudecido pelo tempo em busca de seus porquês, na pista dos porquês de agora. Encarada desta forma, a mirada rumo ao ontem da história pretende entendê-lo como antevéspera do hoje e não como monumento petrificado. O que para muitos é página virada, ainda não passou para os que almejam trançar roteiros de frente para trás, suplementares e alternativos à estrada real da verdade instituída. Roteiros estes traduzidos em formas distintas de literatura.”⁴⁶

⁴⁶ DUARTE, Eduardo de Assis. Margens da história: a revisitação do passado na ficção afro-brasileira. In: SISCAR, Marcos; NATALI, Marcos (Org.). Margens da democracia: a literatura e a questão da diferença. Campinas, SP / São Paulo, SP: Editora da Unicamp / Editora da USP, 2015, p. 167-189, p. 167.

A literatura não possui a intenção e nem o compromisso com os fatos, como a história (ou o exercício historiográfico) possui. Esse movimento de revisitar o passado para compreender e discutir o presente tem sido objeto de interesse por parte de escritores negros. A história contada por Ana Maria Gonçalves é ficção e, como se sabe, para confeccioná-la a autora buscou inspiração e referências bibliográficas. Entre suas referências estavam obras como *Bahia de todos os Santos*, de Jorge Amado, *Casa Grande Senzala*, de Gilberto Freyre, *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, e trabalhos historiográficos, antropológicos e sociológicos. Assim como estavam presentes obras que colaboram na construção da identidade africana, como a Mitologia dos orixás, *O Vice-Rei de Uidá*, entre diversos outros.

Embora ela não seja muito incisiva e esclarecedora em suas declarações sobre o papel da bibliografia ao final do livro, podemos apontar suposições para esse movimento. Um dos caminhos para isso é analisar algumas obras presentes nessa lista bibliográfica publicada ao final do romance, buscando compreender as escolhas da autora. Entre os autores da lista estão nomes como o de Jorge Amado, literato, João José Reis e Elciene Azevedo, historiadores. Como já salientado anteriormente pela tabela apresentada, há uma grande predominância de estudiosos da história e temáticas relacionadas ao povo afro-brasileiro e a escravidão. Eduardo de Assis Duarte, em seu artigo “Margens da história: a revisitação do passado na ficção afro-brasileira”⁴⁷, e Moema Parente Augel, em ““E Agora Falamos Nós”: Literatura Feminina Afro-Brasileira”, discorrem sobre temáticas relacionadas a literatura afro-brasileira e a literatura feminina afro-brasileira. Segundo Eduardo de Assis Duarte:

A recuperação crítica do passado torna-se uma constante na edificação de narrativas que se querem dentro e fora da literatura brasileira, como argumenta Octavio Ianni (1988). Tais textos rejeitam o tempo pretérito enquanto totalidade monológica. Ao lê-lo a partir do presente, buscam rastros e resíduos de um passado que não quer passar. Este tempo vive numa memória coletiva distinta daquela história do Brasil que faz do treze de maio de 1888 algo como um happy end festivo e apaziguador.⁴⁸

Segundo Duarte, passado e presente estão conectados e essa recuperação crítica da história, a partir do presente, teria como um de seus objetivos buscar/produzir discursos diferentes daqueles apaziguadores e que costumavam partir da perspectiva dos brancos. A proposta seria a de construir uma memória coletiva sobre assuntos importantes do povo afro-

⁴⁷Ibidem, pp. 167-189.

⁴⁸ Ibidem, p.167.

brasileiro, pautando debates necessários sobre o racismo, a intolerância e diversos outros que ainda marcam as vivências da população negra no país. E, para Duarte, tal constatação evidencia a importância das obras literárias afro-brasileiras.

Para demonstrar tais argumentos, Duarte analisa alguns autores que produziram uma literatura afro-brasileira. Entre as obras escolhidas está *Um defeito de cor*, de Gonçalves. Duarte fala, por exemplo, sobre a negação de Ana Maria Gonçalves em seguir o modelo do romance histórico canônico, preferindo a metaficção historiográfica, transformando vultos históricos em personagens e os removendo do panteão onde figuram como essências paradigmáticas. Além disso, segundo ele, a autora não se utiliza de recurso de vitimização pura e simples do negro, se afastando da idealização de estereótipos usuais e construindo situações de desumanidade do sistema escravista como os abusos sexuais recorrentes em algumas situações ao longo da narrativa⁴⁹. Outro aspecto ressaltado relaciona-se ao emprego da primeira pessoa no romance, possibilitando uma ficção com autoridade de um testemunho, onde Kehinde narra as vivências as mazelas sofridas com a escravidão.⁵⁰

Ao analisar os argumentos de Duarte, podemos voltar a pensar nas escolhas de Ana Maria Gonçalves, incluindo o conteúdo de seus paratextos: o prólogo, com o conceito de Serendipidade, e a lista de referências bibliográficas inseridas ao final da obra. Partindo da constatação que a hipótese de Duarte sobre uma metaficção historiográfica é pertinente, podemos voltar para a lista e tentar entender sua composição. Como salientado por Duarte, os personagens não são estereótipos usuais e isso fica claro pelo fato de Kehinde, durante um período, realiza tráfico de armas que colaborariam nos processos de escravização de outros africanos. Tal elemento reafirmaria a ausência de estereótipos, mostrando a complexidade das relações numa sociedade escravista. Assim como a amizade de Kehinde com a sinhazinha, que perdura por toda a vida, mesmo quando a protagonista ocupava o papel de escrava e a menina de filha do senhor da fazenda. Em lados sociais opostos, as mulheres, contudo, teriam construído uma relação duradoura. Ao final do artigo, Eduardo Assis Duarte conclui que as revisitações do passado exemplificados no texto buscam questionar a história oficial e, ao

⁴⁹ No início do livro ocorre o primeiro momento em que há um episódio de estupro, onde Kehinde, sua mãe e sua irmã são estupradas por guerreiros na África. E na segunda situação a personagem principal já residia no Brasil e foi violentada por seu senhor.

⁵⁰ DUARTE, 2015, p. 188.

mesmo tempo, segundo ele, não recusam as simplificações de bem e mal. Tal afirmação fica clara no seguinte trecho:

Pelos exemplos apresentados, conclui-se que a revisitação do passado operada nos exemplos aqui reunidos se, por um lado, busca questionar a história oficial pelo que apresenta de apagamento da violência e dos efeitos deletérios da escravidão, por outro recusa o simplismo que divide a história entre o bem e o mal. Nesta linha, não pretende inscrever a presença do negro pela via fundacional do heroísmo épico – ou de sua outra face, a vitimização propensa à representação a priori benevolente. Desde a infância em África, Kehindé é a vítima que cumpre uma trajetória marcada pela superação. Se é capaz de arroubos heróicos como o mergulho no oceano para recusar o batismo cristão no momento que o tumbeiro entra em águas brasileiras; é também a ex-escrava que, mais tarde integrada ao sistema, convive com o catolicismo e envia os filhos a escolas cristãs europeias.⁵¹

Duarte em seu artigo mostra como as literaturas afro-brasileiras impulsionaram a revisitação das memórias do passado da escravidão no Brasil e como essas não são tratadas de forma simplista, existindo nelas uma abordagem complexa dos assuntos⁵². Esses são os movimentos que Duarte identifica no trabalho de Ana Maria Gonçalves. Segundo ele, a autora mantém uma preocupação em escrever seus textos literários de forma a não causar reducionismos, permitindo o vislumbre de um novo olhar para temáticas importantes da história. Ou seja, a autora do livro busca dialogar com uma nova perspectiva sobre a formação da sociedade brasileira. E o trecho acima condiz com as impressões de que se tem após a leitura de *Um defeito de cor*, pois esse mostra uma história que questiona algumas soberanias de discurso, como aqueles que apagam os negros da história da formação do Brasil. Além disso, ao longo do livro, fica claro o movimento de negociação (além da resistência) que os escravos estavam inseridos.

Já no trabalho de Moema Parente Augel fica evidente a preocupação da autora em enaltecer a figura e as características marcantes do povo negro, mais especificamente das mulheres negras. A seguir um trecho que aborda tal questão: “A exaltação dos atributos físicos tipicamente negros é mais um recurso para a desconstrução das afirmações que negam o negro em sua totalidade, que procuram destituí-lo de seu fenótipo, ao considerá-lo negativo ou inferior

⁵¹ Ibidem, pp.188.

⁵² Ao longo do livro pode-se identificar na narrativa uma construção da sociedade brasileira extremamente complexa, onde os escravos não caracterizados como apenas vítimas e nem mesmo os brancos como homens maus, há uma complexidade nas relações.

aos padrões de beleza arianizada.”⁵³ E essa valorização e quebra de silêncio dos negros vem com a literatura afro-brasileira, segundo ela. Augel evidencia outros aspectos, entre eles, como é árduo o caminho para esses escritores, enfrentando uma grande desvalorização e descaso, já que os investimentos nessa área são escassos. Mas tais autores estão lutando para reclamar seus direitos e espaço dentro da sociedade. Augel exemplifica essa situação através de uma escritora chamada Miriam Alves, que esteve com sua coletânea intitulada “E agora falamos nós” de poemas organizado, mas não encontrava financiador no Brasil e foi publicado nos Estados Unidos pela Three Continents Press.⁵⁴

Ao longo dos anos houve o silenciamento dessas pessoas e de suas dores e memórias, mas cabe lembrar não somente histórias individuais, mas a experiência coletiva como afirma a autora a partir das ideias de Walter Benjamin, no seguinte trecho:

Para Walter Benjamin, lembrar não tem a ver propriamente com experiências individuais, isoladas, mas sim com a experiência coletiva que está ligada à tradição de um povo, de sua história. Mas lembrar também significa “trazer à memória”: é fazer falar um passado coletivo que consegue alçar sua voz, ultrapassando todos os silenciamentos e é essa a função primeira e mais envolvente da literatura afro-brasileira: romper com o emudecimento a que até quase agora foi relegada a real história brasileira, em sua extensão de violência e de injustiça, de resistência e de revolta. O escritor negro que se proclama como tal faz a seu modo uma revisão da sua herança colonial.⁵⁵

Nessa passagem, Augel traz uma das funções primordiais da literatura afro-brasileira, a de romper com o silenciamento da história brasileira em vários aspectos, entre elas as injustiças e violências realizados pelos brancos aos negros no Brasil. Esse ciclo de discriminação racial, que nunca se rompe, deve acabar, assim como aquela história única contada em livros didáticos, onde há reducionismos e simplificações. É necessário que as outras versões da história sejam conhecidas e difundidas, para que a cultura afro-brasileira faça parte e tenha seu lugar dentro dos costumes e não sofra com preconceitos. E pelo andamento da pesquisa, cujo enfoque é a análise do romance *Um defeito cor*, é perceptível que Ana Maria Gonçalves se dedica ao diálogo com a história da formação brasileira, a partir da perspectiva do povo negro, mostrando como

⁵³ AUGEL, Moema Parente. “e Agora Falamos Nós”: Literatura Feminina Afro-Brasileira. *Literafro: o portal da literatura afro-brasileira*, 1996, p. 1 e 2.

⁵⁴Ibidem, p. 3.

⁵⁵Ibidem, p. 5.

certos eventos já salientados anteriormente, como a Independência do Brasil em relação a Portugal e a Revolta de Malês rememoraram uma memória coletiva.

Augel afirma que quase sempre existem resquícios das próprias histórias que estão na base dos textos, vivências cercadas de muita dor e superação. Segundo ela, Gonçalves aborda diversos temas que rodeiam a vida das mulheres e, ao eleger sua protagonista ao posto de narrador, dá voz a sentimentos que apenas uma mulher seria capaz de exprimir, como a maternidade. Além disso, Augel, ao analisar o trabalho de algumas autoras negras, aponta alguns elementos que são recorrentes nesses trabalhos, entre eles a recuperação da memória coletiva dos afro-brasileiros, a interrupção do silenciamento imposto pelos discursos dominantes, a revisão do passado colonial e a busca da imagem do negro. As referências a memórias de sofrimento, contestação dos valores vigentes e sua desconstrução também são temáticas presentes. Esses componentes, apontados por Augel, estão na literatura de Ana Maria Gonçalves, já que essa constrói uma história narrada na primeira pessoa por uma mulher negra. A narrativa perpassa diversos momentos históricos relevantes, como Independência do Brasil, Abdicação de D. Pedro I, a Revolta de Malês e diversos outros que corroboram para a revisitação de um passado colonial a partir de uma perspectiva negra. Tais elementos que Augel ressaltou são essenciais para a busca de uma autoafirmação, do papel social dos afro-brasileiros, almejando uma mudança no cenário da sociedade brasileira a ações discriminatórias. O respeito é a base para a mudança em relação ao racismo no Brasil.

Os textos debatidos anteriormente permitem identificar análises semelhantes sobre as motivações e interesses para se revistar o passado escravista brasileiro. Todos os textos refletem sobre como houve o silenciamento por muito tempo desse grupo, e como são necessários outros olhares em relação a história, buscar o protagonismo e as memórias cercadas de sofrimento, superação e esperança são essenciais para que atualmente o povo afro-brasileiro entenda seu lugar na sociedade e lute por ele. Ao longo dos tempos os valores e costumes foram pautados nos brancos, mas existem outras culturas e costumes que fazem parte do Brasil e devem ser reconhecidos e não tratados com desprezo e ficando marginalizados. Cada texto a sua forma busca analisar alguns aspectos da literatura afro-brasileira, e todos esses vêm a necessidade de mais mudanças nesse cenário brasileiro, onde ser negro é viver constantemente com medo de ser morto, ou mesmo criticado por seu estereótipo, costumes e crenças.

Além disso, no que tange as críticas relacionadas ao romance *Um defeito de cor* percebe-se uma grande aceitação e valorização da obra, após analisar diversas entrevistas⁵⁶ realizadas com Ana Maria Gonçalves essa afirmação fica clara, a seguir um trecho que corrobora com a ideia anterior, seguido por outra matéria do Estadão intitulada “Escravidão brasileira ganha saga de fôlego” que também realiza apontamentos positivos da obra:

“Quando não souberes para onde ir, olha para trás e saiba pelo menos de onde vens”. Este é um dos dez provérbios africanos que introduzem cada capítulo do livro *Um Defeito de Cor* (Editora Record, 2006), um livro contemporâneo que já é considerado um clássico da literatura brasileira mesmo em seus primeiros anos em circulação. O volume ficcional, com quase mil páginas, é sempre lembrado em discussões sobre a literatura negra, antirracista, que trata da diáspora afroatlântica e da formação social escravista do Brasil.[...]

É uma história individual que se confunde com a memória coletiva do período colonial brasileiro, que estende suas marcas e cicatrizes aos dias de hoje por meio das estruturas sociais construídas, que têm a desigualdade como um de seus produtos. É considerada a obra prima da autora, que ganhou o Prêmio Casa de las Américas com o livro em 2007. Na última lista de livros de autores nacionais mais vendidos em livrarias brasileiras, que apurou o mês de junho de 2020 a partir de parceria entre a empresa de pesquisa Nielsen com a plataforma editorial PublishNews, *Um Defeito de Cor* segue presente, agora em sua 20ª edição.⁵⁷

É possível que o romance histórico *Um Defeito de Cor* (Record, 952 págs., R\$ 79,90), segundo livro escrito pela ex-publicitária Ana Maria Gonçalves, venha a representar para o Brasil o que o livro *Raízes* (Roots), de Alex Haley (1921-1992), representou para os EUA há 30 anos, quando foi lançado, comovendo o mundo com a história de Kunta Kinte, escravo levado da África para os Estados Unidos no século 18. Ainda assustada com a repercussão do livro que, apesar de suas quase mil páginas, é um sucesso de vendas, a autora, que participou da 5ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), concedeu uma entrevista ao Estado em que fala de sua saga, a triste história de uma escrava inspirada na vida de Luísa Mahin, tida como a mãe do abolicionista Luís Gama.⁵⁸

O trecho posto acima mostra como esse romance obteve um grande sucesso e como é importante para a recuperação da ancestralidade do povo afro-brasileiro e assim como afirma Ana Maria Gonçalves:

⁵⁶ Como por exemplo a sua entrevista ao canal do youtube Artel em um quadro intitulado Encontros Literários, no Tirando de Letra com Ana Maria Gonçalves no canal UnBTV, no livro aberto de Fábio Porchat.

⁵⁷ RKAIN, Jamyle. Um registro historiográfico por Ana Maria Gonçalves. *Arte brasileiros*, 2020. Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/arte/um-defeito-de-cor-um-registro-historiografico-por-ana-maria-goncalves/>. Acesso em: 24 de março de 2023.

⁵⁸ FILHO, Antônio Gonçalves. *Escravidão brasileira ganha saga de fôlego*. *Estadão*, 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/artes/escravidao-brasileira-ganha-saga-de-folego/>. Acesso em: 29 de março de 2023.

Eu acho que a ideia de *Um defeito de cor*, quando eu estava escrevendo o livro era de fato ter uma maior representatividade de vozes, de pessoas para poder contar essa parte da história do Brasil, que foi um período de escravidão a partir de um ponto de vista que a história brasileira, e as vezes até história mundial, nunca concebeu contar, né, que a partir dos povos escravizados. E eu acredito na multiplicidade de vocês para contar essa história ela não pertence a uma pessoa, a uma etnia, uma geração, a uma idade e eu acho que é isso que a gente está vendo aqui. [...] ⁵⁹

Logo, a partir dessas análises sobre a literatura afro-brasileira, faz-se importante salientar que *Um defeito de cor* vem para contribuir com os trabalhos já existentes nessa área, buscando mostrar a partir da voz de uma mulher negra, os desafios do período escravocrata, onde a violência esteve presente, assim como a superação e a esperança. A trajetória de Kehinde, permite diversas análises como as já levantadas anteriormente, que proporciona a revisitação da escravidão a partir de novas perspectivas a não ser a da história dos brancos, deixando claro que o romance não possui a pretensão nem a necessidade de se apegar a fatos e verdades históricas, mas permite diversas reflexões e debates. Dessa forma, ao final pode-se concluir que a partir da análise de trechos, bibliografias e diversos outros materiais, Ana Maria Gonçalves conseguiu dialogar em seu romance com diversos episódios históricos brasileiros, onde são identificados apagamento do povo afro-brasileiro na historiografia, e a partir do olhar do contexto histórico em que se insere a escrita do livro, 2006, introduzindo tais personagens em sua obra. Nessa época o Brasil já havia promulgado a importância do ensino de história da África nas escolas através da Lei 10.639/03 ⁶⁰. E o livro de Ana Maria Gonçalves possui temas como escravidão, racismo, e diversos momentos históricos brasileiros apontados a partir da perspectiva de uma mulher negra, um ponto de vista promissor para ser utilizado nas escolas brasileiras, almejando mudanças no cenário da discriminação racial no Brasil. Assim pode-se afirmar que obra aborda temas relevantes da história, não como plano de fundo, mas a partir da perspectiva negra.

⁵⁹Um defeito de cor – Tour Virtual (Canal do Museu de Arte do Rio), 2022. 1 vídeo (10:21 minutos). Disponível em: <https://youtu.be/PM0S-QKMVSM>. Acesso em: 24 de março de 2023.

⁶⁰BRASIL. Lei nº 10.639/03, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, seção 1, p.1 – 10/01/2003.

Capítulo 2: Trabalho e resistência nos caminhos de Kehinde em *Um defeito de cor*

A obra de Ana Maria Gonçalves intitulada *Um defeito de cor* dialoga, ao longo de sua narrativa, com diversas formas de trabalho presentes no século XIX. Essa trajetória se inicia com a vinda da narradora, uma mulher negra chamada Kehinde para o Brasil através do tráfico escravista, rompendo abruptamente com suas raízes ao ser capturada em Uidá, localizado no reino de Daomé, atual território de Benin. Ao chegar em nossas terras, Kehinde, agora escravizada, é comprada por José Carlos, um senhor de engenho baiano. A partir de então, sua trajetória no mundo do trabalho escravo tem início. A história é narrada em primeira pessoa, o que permite uma maior pessoalidade sobre as temáticas que são tão caras à Gonçalves. A vivência de Kehinde no mundo do trabalho começa enquanto escrava doméstica, realizando serviços na casa-grande, onde efetuava tarefas como cozinhar, lavar, passar e servir como dama de companhia para a filha de seu senhor. Algum tempo depois, após desentendimentos com seus proprietários, Kehinde é transferida e começa a executar os trabalhos no campo, um serviço descrito como mais árduo. Um tempo depois retorna aos afazeres domésticos da casa até a morte de José Carlos. Devido a esse acontecimento, a esposa do falecido, Sinhá Ana Felipa vende a fazenda e se muda para Salvador. Na nova propriedade, Kehinde continua desempenhando as mesmas atividades até que sua senhora a aluga para uma família de ingleses chamada Clegg. Nessa nova família, a função exercida por Kehinde baseava-se em fazer companhia para as filhas do casal. Após ser dispensada pelos ingleses, a protagonista torna-se escrava de ganho, comercializando pelas ruas de Salvador e reportando-se à sua senhora, pagando um valor fixo semanalmente. Com essa nova atividade, a protagonista consegue bons resultados nas vendas dos *cookies*, o que permite o acúmulo de pecúlio necessário para a compra de sua liberdade.

A partir da conquista da alforria, Kehinde inicia sua jornada no mundo do trabalho livre. Embora o leitor tenda a criar expectativas sobre mudanças abruptas com as experiências vividas pela personagem enquanto escrava, sua profissão não se altera agora que Kehinde é liberta. Todavia, há duas mudanças significativas: sua margem de lucro e a quebra de subordinação a qualquer senhor. Algum tempo depois, a personagem principal adquire uma padaria, chamada “Saudades de Lisboa”, em sociedade com Alberto com quem é amasiada. Passados alguns anos, Kehinde altera os rumos do seu comércio, iniciando a produção e a venda de charutos com a

ajuda de alguns amigos e de um grupo de muçurumins⁶¹. Ao mudar-se para o Rio de Janeiro, modifica-se novamente os itens a serem comercializados, sendo agora sua fonte de renda uma banca de musselinas oriundas da África. Logo após esse momento da narrativa, Kehinde retorna a África e, durante sua viagem, encontra John, um mulato que possuía relações comerciais com os ingleses. Além disso, estabelece uma relação afetiva com ele, confiando John a venda de algumas mercadorias advindas do Brasil. A partir do lucro adquirido, iniciam um comércio de pólvora e armas para o Rei Guezo. Algum tempo depois que se estabelece em Uidá identifica uma grande quantidade de pessoas que compartilhavam de sua história de retorno a África após muitos anos no Brasil. Permeados pelo não reconhecimento total dos costumes africanos e a saudade do outro lado do Atlântico, como, por exemplo, da arquitetura e dos móveis das casas, Kehinde inicia um negócio próprio, de construção no estilo brasileiro, chamado Casas da Bahia. Após elucidar todas essas formas de trabalho empregadas nessa narrativa, pode-se concluir a presença de um intenso comércio no Atlântico, ligando ingleses, brasileiros, africanos, e do qual podem participar diferentes classes sociais, incluindo Kehinde. Dessa forma, as conexões desse mundo atlântico ficam evidentes nesse vai e vem de mercadorias.

Acima são identificadas algumas formas de trabalho produtivo, que se relacionam com a produção de riquezas a partir da exploração da força de trabalho no meio urbano ou rural, exercidos pela personagem-narradora do romance. Entretanto, há também na obra *Um defeito de cor* o trabalho reprodutivo, o qual possui relação direta com a manutenção da escravatura, pois estavam ligados ao fato de mulheres escravas gerarem mais mão-de-obra, a partir da gestação de crianças que nasceriam escravas. Tal situação foi vivenciada por Kehinde e Verenciana, “propriedades” de José Carlos, que geraram vidas desprovidas de liberdade. Embora a narrativa construída por Ana Maria Gonçalves ressalte a figura de diversas mulheres negras, no presente estudo será salientado apenas aquelas que possuem importância fundamental para a história da personagem principal e para o mundo do trabalho. Entre essas mulheres estão: Esméria, uma escrava que auxilia Kehinde ao longo de sua jornada no Brasil, representando uma imagem materna, e Adeola, uma crioula nascida no país, liberta desde

⁶¹ Os muçurumins eram os negros que praticavam a religião muçulmana, foram os organizadores da Revolta de Malês e como descrito pela protagonista no livro rezavam cinco vezes ao dia e passavam muito tempo lendo e cantando trechos do livro sagrado, ajoelhados em frente a Alá. Normalmente, eram letrados, e por isso tinham grande valor no mercado e eram temidos pelos brancos devido aos seus conhecimentos.

pequena, e que realizava a venda de acarás, figurando uma rede de apoio importante para que Kehinde adentrasse o mundo do comércio. Ao analisar as diversas formas e momentos em que o trabalho cerca a vida da narradora e o restante da história, fica clara a relevância dessa temática para Ana Maria Gonçalves, a qual se evidencia desde o início com a captura de Kehinde na África para ser escravizada. Perpassando pelo processo de compra de sua alforria, a qual foi possível devido ao acúmulo de pecúlio e sua ascensão financeira no continente africano após tantos momentos e formas de serviço⁶². A partir desse quadro geral sobre a temática ressaltada acima no livro de Ana Maria Gonçalves, o presente estudo buscará compreender por que a autora do romance faz do trabalho um elemento essencial da história que decidiu contar sobre Kehinde e o passado brasileiro, em especial no caso das mulheres escravizadas e libertas.

I - Mulheres e trabalho na historiografia brasileira

Ao longo da análise de *Um defeito de cor* podem ser identificados diversos temas e particularidades que incitam atenção ao leitor, entre eles a presença de referências bibliográficas ao final da obra, como apontamos no primeiro capítulo. Tal lista permite conhecer melhor o processo de escrita de Ana Maria Gonçalves, mostrando aos seus interlocutores o percurso dos trabalhos que nortearam sua escrita de alguma forma e possibilitando, por sua vez, uma pesquisa mais aprofundada sobre os assuntos retratados ao longo da narrativa, como por exemplo as revoltas, religiões, cotidiano e o que cercava a vida dos afro-brasileiros no século XIX. Há aqueles que creem em uma provocação à historiografia realizada pela autora, já que o estudo sobre novas perspectivas, como a história do Brasil a partir do povo afro-brasileiro, é algo que se encontra em construção e com muito trabalho à frente.⁶³ Faz-se necessário ressaltar que o presente capítulo possui como tema central o trabalho e, ao perscrutar as temáticas das bibliografias listadas, pode-se concluir a quase escassez nelas de pesquisas que possuam como objetivo central discorrer sobre tal assunto. Podem ser identificado obras como *Casa-grande & Senzala* de Gilberto Freyre, o qual possibilita delinear as relações existentes entre esses dois locais e permite depreender sobre o trabalho realizado pelos escravos, mas que não tem essa temática como enfoque, especialmente em relação ao trabalho feminino. Logo, ao refletir sobre

⁶² GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. – 23ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2020.

⁶³ SILVA, Fabiana Carneiro da. Quando o que se discute é a realidade: Um defeito de cor como provocação à história. *Afro-Ásia*, núm. 55, pp. 71-108, 2017. (p.15)

a relevância do tema para a narrativa, causa estranhamento a sua ausência, já que o trabalho forçado inicia a história e outros tipos como o comércio de Kehinde enquanto liberta perpassa o seu cotidiano até o momento de sua morte.

Segundo diversas pesquisas historiográficas, a serem comentadas a seguir, o trabalho realizado por mulheres negras escravizadas, libertas e livres em meados do século XIX se espalhava por diversas áreas, tais como trabalho doméstico, serviços nas plantações das fazendas, comércio de item básicos ou quitandas e até o uso de seu corpo para a reprodução e a geração de mais mão de obra escrava através do trabalho reprodutivo. Ao longo dos estudos sobre a história do Brasil, a partir da perspectiva do povo afro-brasileiro, foi complexa a inserção das diferenças de gênero, assim como a presença de manuscritos que colaborassem na pesquisa. A seguir um trecho do trabalho de Maria Helena Machado que ajuda a pensar sobre essa afirmativa:

No Brasil, os estudos que conectaram escravidão e abolição em relação ao gênero são escassos. Durante muito tempo, o estudo da escravidão e do processo de abolição foram enfocados sob a perspectiva dos escravos, termo que teoricamente subsumia a experiência das escravas ao conjunto de vivências entendidas como característica dos escravizados. Isso levou a que os historiadores não se preocupassem em estabelecer as diferenças ou as peculiaridades das experiências de homens e mulheres submetidos à escravidão, e mesmo quando os estudiosos enfocavam temas que tinham uma perspectiva de gênero, o faziam sem sublinhar essa particularidade e, dessa forma, conceituavam seu objeto como característico da experiência escrava em geral.⁶⁴

Na passagem acima fica evidente a caminhada árdua que ainda será necessária para que esse estudo ganhe cada vez mais espaço. Além disso, é importante ressaltar como no mundo do trabalho feminino negro há outras problemáticas que não eram comuns aos homens, tais como as violências sexuais, a relação com a maternidade e a baixa remuneração dos ganhos comparada ao sexo masculino. Entretanto, já existem trabalhos relevantes sobre o tema e que serão apresentados ao longo do capítulo. Um exemplo é Cecília Moreira Soares, a qual apresenta uma tabela que permite dimensionar os serviços mais praticados por mulheres na Bahia no século XIX⁶⁵, onde fica perceptível a alta porcentagem de mulheres negras no trabalho

⁶⁴ MACHADO, Maria Helena P. T. Escravizadas, libertandas e libertas: qual liberdade? In: LIMA, Ivana Stolze. *Instituições Nefandas: O fim da escravidão e da servidão no Brasil, nos Estados Unidos e na Rússia*. Fundação Casa de Rui Barbosa, 2018 pp.327-337. p.327.

⁶⁵ SOARES, Cecília Moreira. *Mulher negra na Bahia no século XIX*. Universidade Federal da Bahia, 1994.

doméstico, seguido por costureiras e ganhadeiras. Ao pensar na obra de Ana Maria Gonçalves, ficam evidentes principalmente, a primeira e a terceira formas de trabalhos, nas quais a protagonista e outras mulheres da trama atuam. Além disso, o romance perpassa por algumas localidades onde o trabalho faz-se importante na narrativa, entre elas Bahia e Rio de Janeiro. Dessa forma, destaca-se o quanto o trabalho cotidiano da mulher era fundamental para aquele mundo, como estavam espalhadas em diferentes atividades desde a área rural até a urbana. A seguir tabela citada anteriormente que mostra a distribuição das escravas nas diversas ocupações entre 1811 e 1888.

Tabela 2: Ocupações escravas: Salvador, 1811 – 1888.

OCUPAÇÃO	NÚMERO	%
Doméstica	969	27,2
Costureira	376	10,6
Ganhadeira	367	10,3
Lavadeira	238	6,7
Cozinheira	150	4,2
Serviço de roça	113	3,2
Rendeira	61	1,7
Engomadeira	58	1,6
Vendedora	35	1,0
Bordadeira	20	0,6
Serviço de tirar pedra	15	0,4
Doceira	06	0,2
De fazer conta de ouro na prensa	04	0,1
Charuteira	02	0,5
Sem especificação	1146	32,6
TOTAL	3560	100%

Fonte: SOARES, 1994.

Ademais, mesmo não partindo das bibliografias apresentadas por Ana Maria Gonçalves no final de seu livro, faz-se necessário buscar autores que debatam sobre essa temática, para que posteriormente possamos analisar de forma mais aprofundada sobre trabalho feminino negro em *Um defeito de cor*. Ao refletir sobre a cronologia dentro da narrativa, partiremos então dos serviços compulsórios exercidos pelos personagens. Os primeiros momentos estão contidos na área rural, onde havia aqueles que trabalham dentro da casa-grande realizando tarefas domésticas e aqueles que trabalhavam nos campos. Uma autora que ajuda a pensar sobre tal temática é Cecília Soares, que pesquisa o trabalho realizado por mulheres negras como domésticas na cidade de Salvador. Essa classificação aborda diversas tarefas, como cozinheiras, costureiras, arrumadeiras, lavadeiras, amas-de-leite e mucamas, não sendo comum pessoas especializadas para cada tarefa. Uma mesma escrava poderia ocupar várias dessas funções atendendo às exigências das famílias que serviam. Essa forma de exploração previa em alguns casos relações mais íntimas com os senhores e sua família devido ao grande período em que trabalhavam na casa. Além disso, aqueles escravos que possuíam bom comportamento poderiam conseguir a concessão de suas alforrias. Soares afirma, entretanto, ser essa relação baseada em uma possível tática de sobrevivência dos escravizados, buscando alcançar melhoras em suas condições de vida e até mesmo a liberdade. No que se refere ao trabalho praticado por mulheres em fazendas, pode-se perceber um certo desprezo pelos compradores por essas serem consideradas mais fracas e incapazes na realização dos serviços no campo e na lavoura, possuindo valores menores do que os homens. Entretanto, poderiam chegar a corresponder quase metade dos grupos trabalhadores e realizavam assim como o sexo masculino o trabalho árduo e, em muitos casos, carregando seus filhos nas costas.⁶⁶

Além disso, outra forma de exploração dos escravos está relacionada aos alugueis para realização de serviços a terceiros. Tal realidade pode ser encontrada dentro da narrativa de *Um defeito de cor* quando a dona de Kehinde a aluga para uma família inglesa, onde seria designada para algo que já possuía familiaridade, fazer companhia para os filhos dos Clegg. Nesse momento da narrativa, a protagonista do romance aprende tanto a falar inglês e quanto a fazer algumas receitas, usadas posteriormente para outra forma de trabalho, o comércio. Não há uma datação exata do período em que Kehinde serve os ingleses, mas há uma passagem no romance

⁶⁶ SOUSA, Caroline Passarini. TARDIVO, Giovana Puppini. HAACH, Marina Camilo. Localizando a mulher escravizada nos Mundos do Trabalho. *Cantareira*, 34^a ed. Jan-Jun, 2021. (pp. 57-58)

que afirma que naquela época na Inglaterra já havia sido abolido a escravidão, o que pode ser interpretado como irônico, já que eles alugam uma escrava e defendem o fim do tráfico e da escravatura. De acordo com a historiografia, essa prática narrada no livro envolvendo o aluguel de escravos era algo comum nessa época no Brasil, já que aqueles que não possuíam renda suficiente para a compra de escravizados poderiam alugá-los. Nesse sentido, as mulheres eram normalmente adquiridas para realizarem trabalhos domésticos⁶⁷, como mostra o exemplo a seguir, de um anúncio de jornal que mostra “exigências” daqueles que pretendiam alugar (ou comprar) uma escrava: "Almeida e Costa, comprão para fora da Província, uma escrava que seja perfeita costureira, engomadeira e que entenda igualmente de cozinha, sendo moça, de boa figura, e afiançada conduta para o que não terão duvida pagal-a mais vantajosamente"⁶⁸. Ao analisar o trecho, percebe-se que requisitos físicos e morais eram necessários para além da realização de um bom serviço. De acordo com Soares, tais imposições eram comuns já que essas pessoas estariam convivendo com a família de forma assídua e os senhores prezavam por essas características⁶⁹. Ao esquadrihar *Um defeito de cor*, há um momento de Kehinde trabalhando com os Clegg que figura essa situação, já que ela é dispensada de seus serviços após ser presa ao ser encontrada pulando o muro de sua senhora Ana Felipa, após ter ido visitar sua família.⁷⁰ Dessa forma, percebe-se que Ana Maria Gonçalves, ao realizar a escrita de sua obra, está, de alguma forma, atenta às pesquisas acadêmicas sobre o trabalho feminino negro, mostrando familiaridade com a temática. A seguir uma tabela que exhibe os anúncios de compra/aluguel de escravas em Salvador mostra uma circulação considerável, pensando no intervalo de apenas um ano (1840-1841).

⁶⁷ SOARES,1994, p.50.

⁶⁸ Correio Mercantil, 11/12/1839.

⁶⁹ SOARES, 1994, p.27.

⁷⁰ GONÇALVES, 2006, pp.227-228.

Tabela 3:Anúncio de compra/aluguel de escravas em Salvador, 1840-1841

OCUPAÇÃO GERAL	AFRICANAS	CRIOULAS	PARDAS	CABRA	S/O	NAGÔ	TOTAL
DOMÉST.	23	07	03	01	17	01	55
AMAS/MUCAMAS	06	05	-	-	14	-	25
GANHO	01	-	-	-	02	-	03
ROÇA	-	-	-	-	-	01	01
S/ESPECIFICAR	02	02	-	-	08	-	13
TOTAL	32	14	03	01	41	03	97

Fonte: SOARES, 1994.

Ao analisar os dados da tabela, fica claro que os aluguéis e compras nesse período estavam concentrados nas africanas para o trabalho doméstico, o que condiz com a área em que as mulheres negras atuavam em maior número. Após o processo de saída da casa dos ingleses, Kehinde inicia sua jornada nas ruas como escrava de ganho, realizando a venda de *cookies* em Salvador na área do Terreiro de Jesus, localizado na Praça da Sé. No início, segundo a narrativa, houve receio em relação ao produto, já que esse era pouco conhecido no Brasil, mas com o tempo foi ganhando notoriedade e gerando bons lucros, os quais foram essenciais na compra das alforrias de Kehinde e sua família. De acordo com Soares, as mulheres negras ocuparam lugar de destaque no comércio de rua, como as escravas ganhadeiras que necessitavam pagar aos senhores uma quantidade previamente estipulada, sendo firmado por um contrato informal entre os envolvidos.⁷¹ O restante do dinheiro normalmente ficava com os escravizados, já que, mesmo não existindo uma lei que permitisse os escravos juntarem pecúlio antes de 1871 com a Lei do Ventre Livre⁷², que concedia a eles esse direito de acúmulo de dinheiro, os senhores costumavam aceitar essa prática. Essa norma beneficiou principalmente os escravos de ganho, aqueles que conseguiam ter maiores montantes devido sua ocupação e poderiam conseguir suas

⁷¹ SOARES, 1994, p.49.

⁷² Coleção das leis do Império do Brasil, tomo XXXI, Parte 1, Rio de Janeiro, Tipografia Imperial, 1871, pp. 197-215, artigo 4 (parágrafos 1 e 2).

alforrias. Entretanto, é importante salientar que esse acúmulo de pecúlio normalmente levava por volta de dez a quinze anos, não sendo uma caminhada fácil e rápida. E era necessário que os senhores aceitassem dar a liberdade aos escravos, podendo negá-la.⁷³

Fica assim disposto uma possibilidade de alcançar a liberdade para os escravos-de ganho, cuja caminhada, todavia, não era fácil, principalmente devido a quantia que deveria ser entregue aos senhores, aliado a outros fatores que interferiam na lucratividade, como a ocupação, a idade, a saúde e as habilidades para o comércio. Além disso, havia uma desigualdade salarial considerável entre homens e mulheres. As ganhadeiras, por exemplo, recebiam em torno da metade da remuneração de muitos carregadores. Logo, percebe-se uma lógica que perdura até a atualidade, a desvalorização do trabalho feminino em relação ao masculino.⁷⁴ Outro ponto que pode ser destacado relaciona-se a maior liberdade que esse grupo de explorados possuíam, já que para realizarem as vendas de produtos deveriam circular pelas cidades e conseguiriam formar redes de apoio e solidariedade importantes. As escravas poderiam morar nas casas de seus senhores ou, em alguns casos, recebiam a permissão de residir fora, em que era necessário que essas arcassem com sua moradia, alimentação e todo restante de sua sobrevivência. Essa forma de trabalho era extremamente lucrativa aos senhores em vários momentos da economia baiana, já que poderiam viver na ociosidade enquanto as escravas trabalhavam no comércio e garantiam seu sustento.⁷⁵ Logo, a partir das informações presentes no trabalho de Cecília Soares é possível compreender como as escravas de ganho viviam e como essas possuíam um papel importante no mundo do trabalho do século XIX, bem como tal forma de trabalho foi importante no processo de liberdade de muitas mulheres afro-brasileiras.

Outro momento da narrativa de Ana Maria Gonçalves que envolve o mundo do trabalho da mulher negra refere-se ao período logo após a alforria de Kehinde, em que continuou trabalhando com o comércio nas ruas, não como escrava, mas como liberta. E faz-se importante discorrer principalmente sobre as diferenças entre o trabalho escravo e livre no ganho em Salvador, local em que Kehinde permanece por um tempo. As mulheres que não mais eram propriedade de alguém não teriam a interferências de senhores e não pagariam parte alguma,

⁷³ FARIAS, Juliana Barreto. Emília Soares do Patrocínio e as pretas minas do mercado Rio de Janeiro, século XIX. *Crítica Histórica*, jul. 2019, pp. 82-83.

⁷⁴ SOARES, 1994, pp.49-50.

⁷⁵ *Ibidem*, p.50.

aumentando assim sua margem de lucro. Importante salientar que poderiam vender diversos item e cada um deles possuía ganhos diferentes. A seguir uma tabela segundo o censo de 1849, da freguesia de Santana, em Salvador, que corrobora na reflexão acerca das distribuições das libertas em algumas tarefas:

Tabela 4: Ocupações de libertas na freguesia de Santana - 1849

OCUPAÇÃO	AFRICANA	NAGÔ	JÊJE	TAPA	ANGOLA	MINA	BORNU	TOTAL
Doméstica	02	-	-	-	-	-	-	02
Quitandeira	10	08	11	02	03	01	-	35
Mercandearia	34	45	14	-	01	02	01	97
Costureira	01	-	-	-	-	-	-	01
Lavadeira	03	02	03	-	-	-	-	08
Cozinheira	-	-	01	-	-	-	-	01
Alugada	01	-	01	-	-	-	-	02
Negócios	07	02	01	-	-	-	-	11
Mendiga	04	-	05	-	-	01	-	10
Proprietár.	-	-	01	-	-	-	-	01
"Ganho"	11	04	-	-	01	-	-	15
Pedreira	01	01	-	-	-	-	-	02
Vive de escr	-	01	-	-	-	-	-	01
Sust. filhos	01	-	01	-	-	-	-	02
Roceira	02	-	01	-	-	-	-	03
S/Específic.	04	02	-	-	-	-	-	07
TOTAL	81	65	40	02	05	03	02	198

Fonte: SOARES, 1994.

Ao analisar a tabela percebe-se como havia muitas quitadeiras e “mercandearias”, além de serem compostas em sua maioria pelas etnias nagôs, jejes e aquelas que se classificavam como africanas, a maior parte oriundas do Golfo de Benin. Estabelecendo um paralelo com tradições africanas, percebe-se que o comércio estava presente no cotidiano das mulheres no outro lado do Atlântico, já que eram as africanas responsáveis em realizar tal atividade juntamente com a produção de alimentos, justificando suas habilidades em relação a essa

ocupação⁷⁶. De acordo com Karoline Nascimento Miranda, em Salvador as ganhadeiras monopolizavam a venda e distribuição de alguns produtos como carnes, peixes, verduras e até contrabandeados se tornando essenciais no comércio local, essa realidade também era recorrente no Rio de Janeiro e Recife.⁷⁷ Além disso, devido à grande circulação pelas cidades, eram elementos importantes na formação de redes de apoio, como mostra o trecho a seguir acerca da preocupação das autoridades em relação a essas mulheres:

As atividades realizadas pelas ganhadeiras, apesar de importante para a distribuição de bens essenciais à vida urbana, preocupava as autoridades. Elas faziam seu trabalho de maneira itinerante ou fixavam-se em pontos estratégicos da cidade, servindo de elementos de integração entre uma população considerada perigosa pelas elites. Este fator político, somado ao esforço do Estado para organizar e controlar a vida urbana no século XIX, levaria a muitos embates entre ganhadeiras e autoridades policiais.⁷⁸

Logo, percebe-se que o monopólio realizado pelas ganhadeiras em relação a alguns gêneros alimentícios não era bem visto pelas autoridades e gerava incômodo, assim como a liberdade que essas mulheres negras possuíam, o que possibilitava a criação de redes que garantissem sua sobrevivência, como as cooperativas⁷⁹ que funcionavam como locais que ajudavam os escravos a conseguirem suas alforrias. E para o controle dessa situação foram criadas medidas para limitar o comércio das ganhadeiras, promovendo a exigência de licenças municipais para que pudessem realizar as vendas e havendo a presença de fiscais que se atentariam à presença das autorizações e outras possíveis irregularidades, as quais poderiam resultar em multas ou prisões. Essas legislações previam que aquelas mulheres nascidas no Brasil estariam isentas de tais taxas, o que prevê uma ação discriminatória contra as africanas, as quais eram maioria no comércio. Tais medidas se intensificaram após a Revolta de Malês em 1835, visto que tinham como intuito tornar a vida dos africanos libertos mais complicada no Brasil, intentando um retorno compulsório desses sujeitos à África. Em relação a obra de Gonçalves, Kehinde, após algum tempo de venda de *cookies*, consegue juntar pecúlio para montar uma padaria, mostrando como essa possuía habilidade para o comércio, a. A situação

⁷⁶ SOARES, 1994, p.53.

⁷⁷ MIRANDA, Karoline Nascimento. Mulher negra, trabalho e resistência: escravizadas, libertas e profissões no século XIX. *Epígrafe*, São Paulo, v.7, n.7, pp.83-96, 2019. pp.89-90.

⁷⁸ SOARES, 1994, p.60.

⁷⁹ Ao longo do período escravocrata os negros se organizavam em associações que ajudavam no pagamento das alforrias e em outros momentos de necessidade, para entrar em tais grupos era necessário uma contribuição periódica, essa e uma das várias formas de resistência dos afro-brasileiros no Brasil, buscando lutar a partir de suas armas contra a escravidão. FARIAS, 2019, p.27.

anterior remete a um resgate histórico dentre tantos outros em relação as bibliografias trabalhadas sobre trabalho feminino negro no século XIX. E algum tempo depois, devido a problemas familiares, a personagem principal se desfaz de sua loja e inicia a produção e venda de charutos, mantendo sua ligação com o comércio.

Além de sua vida no ganho em Salvador, Kehinde também realiza o comércio no Rio de Janeiro, que foi um local em que as ganhadeiras tinham amplitude durante o século XIX. Em suma, as condições e as formas de trabalho se assemelhavam muito com as da Bahia. Uma das referências dentro da historiografia sobre essa temática na capital carioca é Juliana Barreto Farias e, a partir do estudo de seu trabalho, foi possível identificar essas similaridades. Ademais, Farias afirma serem as escravas minas⁸⁰ as mais numerosas dentro do comércio nas ruas e que, devido as suas origens africanas, as ganhadeiras possuíam intimidade com as quitandas e o comércio, possibilitando que conseguissem prosperar nessas atividades. Além disso, assim como em Salvador houve o movimento de controle dessas mulheres, em que elas mostraram disposição para lutarem por seus direitos de venda, o que fica claro na passagem de Flávio Gomes e Carlos Eugênio Soares:

As quitandeiras, típicas vendedoras dos espaços urbanos coloniais, talvez pela primeira vez na história do Rio de Janeiro, buscavam sua vez e voz. Mas, a primeira parte de seu manifesto mostra também que elas não eram trabalhadoras clandestinas, vulneráveis ou supostamente irrelevantes mulheres negras. Pelo contrário, pagavam para exercer seu ofício, tirando licenças anuais para manter seu local de trabalho. E, talvez, o mais importante: mantinham um nível de organização coletiva e ocupacional bastante sofisticado, posto que pagavam esse aforamento em conjunto. Eram súditos leais de el rei, e contribuía regularmente para a Real Fazenda.⁸¹

Logo, percebe-se que houve um embate constante entre ganhadeiras e as autoridades de ambas as cidades citadas anteriormente, já que as mulheres negras dependiam de suas bancas e pontos para sobreviverem. Ademais, um exemplo estudado por Juliana Farias é o da preta mina Emília Soares do Patrocínio, uma ganhadeira que atuava no Rio de Janeiro. Farias, pela análise dessa mulher, percebeu um grande acúmulo de bens, por exemplo bancas na Praça do Mercado e suas armações para galinhas e tabuleiros de quitanda, além de três casas, dez cativos, joias e

⁸⁰ Eram os africanos ocidentais, oriundos da Costa da Mina, os quais em Salvador eram conhecidos como nagôs. E foram os organizadores da Revolta de Malês em 1835. KARASCH, Mary. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro, 1808-1850*. Rio de Janeiro Companhia das Letras, 2000, p. 64.

⁸¹GOMES, Flávio S.; SOARES, Carlos E. Líbano. “Dizem as quitandeiras”: ocupações urbanas e identidades étnicas numa cidade escravista: Rio de Janeiro, século XIX”. *Acervo*, v.15, n.2, jul./dez.2002, p.4.

outros itens que contabilizavam por volta de 30 contos de réis, uma quantia considerável naquele período. No que tange a sua vida familiar, Emília possuía uma filha e não alcançou inicialmente o dinheiro suficiente para alforriá-la e nem mesmo conseguiu persuadir o senhor para conceder sua liberdade quando alcançou a quantia necessária. Além disso, Emília do Patrocínio se casou por volta de duas vezes. Como já salientado anteriormente, na capital carioca as pretas minas eram consideradas muito aptas e eram maioria no comércio, sendo caracterizadas também como altivas e com grande autonomia, assim como exímias quitandeiras.⁸² Ao refletir sobre o romance de Ana Maria Gonçalves, podemos construir alguns paralelos de referência entre historiografia e literatura, entre Emília do Patrocínio e Kehinde, já que ambas conseguiram êxito em seus negócios e a partir disso conseguiram suas liberdades. Isso evidenciaria não uma tentativa da autora de *Um defeito de cor* de espelhar o real, mas um diálogo que ela manteve com a historiografia durante a produção de seu romance. Outra similaridade refere-se às condições financeiras consideráveis de ambas ao partir do pressuposto das limitações discriminatórias da época. A protagonista de *Um defeito de cor* conseguiu até mesmo montar uma padaria a partir dos lucros de seu trabalho. Há também certa correspondência, ou diálogo com as pesquisas realizadas na bibliografia, em relação as habilidades com o comércio, imprescindível para que as duas prosperassem.

Até o presente momento foram tratadas diversas formas de trabalho e todas elas formas produtivas, onde há a geração de riqueza a partir da força de trabalho e na escravidão a partir da exploração da mesma. Entretanto, no tocante ao processo escravocrata, existia ainda outra maneira de ganho para os senhores de escravos, o trabalho reprodutivo, no qual as mulheres se transformavam em geradoras de mais mão-de-obra, muitas vezes a partir da violência sexual⁸³. A seguir um trecho que discorre sobre essa realidade.

As mulheres escravizadas desempenharam o papel único de reprodutoras de um sistema que capitalizava o ser humano, em que seus filhos eram mercadorias e mão de obra para o futuro, na concepção de proprietários por todo o mundo Atlântico. Ainda que boa parte das sociedades escravistas nas Américas tenha dependido, majoritariamente, do abastecimento feito pelo tráfico transatlântico para lhes fornecer mão de obra escrava, a renovação da população cativa por meio do nascimento também foi uma realidade, sobretudo em momentos de conflitos internos, guerras, ou questionamento do tráfico e da escravidão em si. Em um cenário como esse, as mulheres

⁸² FARIAS, 2019, pp. 82-87.

⁸³ SOUSA; TARDIVO; HAACH, 2021, p. 55-56.

escravizadas carregavam sobre si uma dupla exploração: foram produtoras e reprodutoras da riqueza escravista.⁸⁴

Dessa forma, os filhos das mulheres escravas nasceriam também nessa condição, já que apenas a consanguinidade materna constaria nos documentos de nascimento, uma vez que os homens raramente possuíam um vínculo oficial com os filhos. Essa condição propiciava a realização dos estupros pelos senhores, homens desconhecidos ou mesmo colegas de cativeiros. A premissa da posse de seres humanos “naturalizou” as violências sexuais sofridas pelas escravas, já que teoricamente eram propriedade de alguém e deveriam servir a essa pessoa. Logo, fica evidente as singularidades do trabalho feminino negro, onde havia uma dinâmica própria e com problemáticas diferentes, dessa forma, a homogeneização do trabalho negro sem a separação de gênero é uma ação equivocada. Além disso, ao longo das discussões fica clara a importância do trabalho dessas mulheres na lógica trabalhista do século XIX, onde as mulheres negras protagonizavam os processos de alforrias e do sustento de suas famílias, conseguindo sobreviver em um período marcado pela discriminação e até mesmo nas salvas exceções juntar pequenas fortunas. Ao analisar concomitantemente as bibliografias anteriores com os escritos de Gonçalves são possíveis identificar diversos ecos, tais como as especificidades do trabalho feminino negro. A seguir uma passagem que corrobora no entendimento das singularidades das mulheres no mundo do trabalho:

Independentemente do espaço rural ou urbano, a mulher negra sofreu com a presença do trabalho escravo, subjugando-a além do gênero e da raça, ao estigma da escravidão, que impactou e racializou as relações de trabalho patrão-empregada quando em situações de forra e, inclusive, perdurando após a abolição. O tratamento senhorial nas relações de trabalho onde está inserida a mulher negra são resultado de uma estrutura, um fenômeno de longa duração que coloca a trabalhadora em papel diretamente servil à seu patrão, principalmente no que tange aos serviços domésticos.⁸⁵

Dessa forma, a história de Ana Maria Gonçalves permite pautar um assunto caro a historiografia, a presença e a importância do trabalho negro feminino na construção da sociedade brasileira, já que ainda é uma área que carece de muita pesquisa, enfrentando a obscuridade da escassez de fontes documentais. As bibliografias e o enredo possuem diversos ecos como já salientado anteriormente, o que corrobora na estranheza da ausência de referências ao final do livro que remetam a temática trabalho como abordagem central, já que tal tema é

⁸⁴ MACHADO, 2018, p.329.

⁸⁵ MIRANDA, 2019, p. 91.

essencial na construção da narrativa de *Um defeito de cor*. Uma possibilidade para tal sumiço é o enfoque do assunto a partir de obras que discorram sobre esse tema, mas sem utilizá-lo como questão principal. No que tange às datas dos trabalhos utilizados como base para essa pesquisa, pode-se depreender que a maioria são anteriores à publicação da obra de Ana Maria Gonçalves, já que Cecília Moreira Soares possui um trabalho de 1994 e Juliana Barreto Farias tem seu início nessa temática com sua tese de mestrado em 2004. Contudo, aqui optamos pela análise de sua pesquisa de doutorado, finalizada em 2012, que segue o mesmo eixo temático. Logo, percebe-se que é possível que a autora do romance tenha se deparado ao longo de seus estudos para escrita com tais referências bibliográficas essenciais para pensar o trabalho negro feminino negro no século XIX, o que causa surpresa é sua escolha em não as referenciar. Ademais, é importante salientar que o Brasil carrega até os dias atuais os traços das discriminações de gênero e cor presentes no século XIX, a partir dos quais mulheres negras ainda são subjugadas, recebendo por exemplo salários inferiores a homens e sofrendo com importunações e abusos sexuais em locais de trabalho.

II - O papel do trabalho na trajetória de Kehinde

“Sou filho natural de uma negra, africana livre, da Costa Mina (Nagô de Nação) de nome Luiza Mahin, pagã, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã.

Minha mãe era baixa de estatura, magra, bonita, a cor era de um preto retinto e sem lustro, tinha os dentes alvíssimos como a neve, era muito ativa, geniosa, insofrida e vingativa.

Dava-se ao comércio – era quitandeira, muito laboriosa [grifos nossos], e mais de uma vez, na Bahia, foi presa como suspeita de envolver-se em planos de insurreições de escravos, que não tiveram efeito.⁸⁶

Ana Maria Gonçalves, em *Um defeito de cor*, busca ficcionalizar a história da suposta mãe de Luiz Gama, Luiza Mahin, a partir de elementos presentes na carta autobiográfica do abolicionista, onde descreve características importantes para a construção de uma imagem dessa figura. Faz-se importante elucidar que não há nenhuma comprovação histórica da existência dessa mulher e acredita-se que o poeta procurou uma aproximação com elementos da África ao descrevê-la, já que sua mãe seria seu laço mais próximo com o outro lado do

⁸⁶ Carta de Luiz Gama a Lúcio de Mendonça, São Paulo, 25 de julho de 1880. Biblioteca Nacional/Manuscritos: Correspondência Avulsa. Este documento autobiográfico pode ser lido integralmente em Sud Mennucci, *O Precursor do Abolicionismo no Brasil (Luiz Gama)*, São Paulo: Nacional, 1938, p. 19-26.

Atlântico.⁸⁷ Voltando-se para os aspectos da personalidade de Mahin, exemplificados por Gama, podemos salientar o fato de essa ser quitandeira e que “dava-se para o comércio”. Ao observar a personagem de Gonçalves percebe-se semelhanças com as descrições realizadas pelo jornalista na carta, já que Kehinde em boa parte do romance é uma quitandeira e que possui muita habilidade para o comércio. Logo, podemos verificar influências marcantes da fonte histórica na construção da narrativa, entre elas como ser uma mulher do mundo do trabalho, já que seu êxito nas vendas foi essencial para mudanças importantes em sua vida, como a conquista de sua alforria. Ademais, ao longo da trama, nota-se como há uma dualidade em relação ao papel do trabalho, em alguns momentos representando a opressão e em outros a resistência. Dito isso, será realizada a partir de agora a análise de *Um defeito de cor* sob a perspectiva do trabalho feminino negro buscando entender sua relevância dentro da obra.

A temática trabalho cerca toda a história de Ana Maria Gonçalves, principalmente no que toca as especificidades do trabalho feminino negro, de tamanha influência que o presente estudo se atentará a essa vertente da temática. Nos primeiros momentos da narrativa o enfoque foi em relação aos serviços forçados realizados pelos escravos, salientando dessa forma as situações de opressão presentes no livro, porém não excluindo episódios que representassem também a resistência. Entre as áreas de atuação podem ser identificados o trabalho no campo e na casa-grande, momentos marcados por algumas mazelas da escravidão, como o sentimento de inferioridade em relação aos brancos, os castigos físicos e os estupros sofridos pelas mulheres ao longo do romance. Na narrativa, Kehinde ao chegar ao Brasil é comprada por um homem chamado José Carlos, dono de engenho. Ao longo do período em que vive na fazenda, há momentos em que Kehinde mora na senzala grande e em outros na pequena⁸⁸, de acordo com os caprichos de seus senhores. Além da personagem principal, nesse ponto da história se destacam outras mulheres, como Esméria, uma escrava que realizava os serviços domésticos e que buscava ajudar a todos que podia, e Verenciana, uma escrava que sofreu com importunações sexuais pelo seu senhor, as quais geraram um filho e grandes desavenças com a sinhá Ana Felipa. Nessa ocasião, fica evidente a referência ao trabalho reprodutivo que essa mulher foi submetida, partindo de uma situação de abuso, na qual as escravas são tratadas como

⁸⁷ AZEVEDO, Elciene. *Orfeu da Carapinha – A trajetória de Luiz Gama na Imperial Cidade de São Paulo*. São Paulo: Unicamp, 1999. pp. 41-42.

⁸⁸ As senzalas pequenas eram onde os escravos que trabalhavam na casa-grande ficavam e a grande era ocupada pelos trabalhadores do campo.

objetos e não pessoas, que acarretou a geração de mais mão de obra através de uma gestação, assim como aconteceu com Kehinde, a seguir um trecho que ilustra tal incidente:

[...] Mas, além disso, da insistência, ele conseguiu ser muito mais vingativo do que eu poderia imaginar, ao entrar no quarto e dizer que a virgindade das pretas que ele comprava pertencia a ele, e que não seria preto sujo qualquer metido a valentão que iria privá-lo desse direito, que este tipo de preto ele bem sabia o tratamento de que era merecedor. [...]

[...] Eles estavam mortos, tal como os olhos de Lourenço observando a raiva com que o sinhô José Carlos me derrubou na esteira, com um tapa no rosto, e depois pulou em cima de mim com o membro já duro e escapando pela abertura da calça, que ele nem se deu ao trabalho de tirar. Eu encarava os olhos mortos de Lourenço enquanto o sinhô levantava minha saia e me abria as pernas com toda o peso do seu corpo, para depois se enfiar dentro da minha racha como se estivesse sangrando carneiro. [...] De todo o resto que aconteceu só tomei consciência quatro ou cinco meses mais tarde, quando meu filho começou a se mexer dentro da minha barriga. [...]⁸⁹

Nesse episódio em que Kehinde é estuprada por seu senhor, que acarretou uma gravidez, evidenciam-se as diferenças existentes nas experiências vividas entre os homens e mulheres durante a escravidão. Obviamente existiam situações em que homens sofriam com a violência sexual, porém com uma recorrência menor, destacando que estes não resultavam em outras vidas, as quais estariam fadadas a exploração. Mesmo possuindo um teor extremamente delicado, o acontecimento citado anteriormente corrobora no processo de entendimento das especificidades e da importância do resgate do trabalho no viés feminino no século XIX, algo desempenhado por Ana Maria Gonçalves ao reconstruir ficcionalmente as vivências dessas mulheres, salientando suas lutas. Além disso, havia o trabalho produtivo, como já ressaltado anteriormente, em que Kehinde também estava inserida, primeiramente na fazenda de engenho, onde realizou os serviços da casa-grande, sendo designada como companhia para a filha do seu senhor. Em outra ocasião da narrativa, Kehinde é mandada para a senzala grande, onde trabalharia com os serviços braçais da fazenda. A seguir uma passagem de *Um defeito de cor* que corrobora no entendimento da dinâmica do local:

O dia foi de muitas novidades e muitas chicotadas sem motivo. Meu trabalho era simples, fazer as fôrmas de barro onde o caldo da cana descansava antes de endurecer e ser triturado para virar açúcar. Naquele primeiro dia eu não pude observar direito o funcionamento do engenho, que me fascinou, mas nos dias seguintes a situação foi se acalmando, e aos poucos fiquei conhecendo cada etapa. Na plantação, a cana estava estalando de madura, a casca lisa, seca, coroada com folhas que eram separadas para alimentar o gado. Abraçando-se

⁸⁹ GONÇALVES, 2006, pp.170-173.

à cana já sem folhas, um homem cortava o pé rente ao chão usando uma foice. Logo atrás dele havia sempre uma mulher que amarrava feixes com doze canas, sendo que cada lote de cinquenta feixes dava uma mão de cana.⁹⁰

Ao analisar o trecho percebe-se tanto os castigos físicos sofridos pelos escravos, assim com quanto o a presença das mulheres no trabalho no campo na narrativa de *Um defeito de cor*. Logo, pode ser evidenciado conhecimentos prévios de Ana Maria Gonçalves sobre o tema, já que existem diversos ecos entre sua escrita e as bibliografias bases utilizadas nesse estudo. Além disso, salienta-se como o enredo está permeado por relações de trabalho, seja ligado a escravidão ou aos serviços livres. No que diz respeito à história do romance, após um tempo vivendo na fazenda de José Carlos, Kehinde e alguns outros escravos vão para a Salvador com a sinhá logo depois da morte de seu senhor⁹¹. A partir desse momento, a personagem principal trabalha pouco tempo na casa de Ana Felipa, pois logo seria alugada para uma família inglesa. Essa mudança ocorre devido a desavenças entre ambas, já que sua senhora começara a cuidar de seu filho, privando Kehinde de instantes com ele. A narrativa dá a entender que Ana Felipa age dessa forma por ciúmes de um homem negro com quem a protagonista estava se envolvendo, chamado Francisco. Na casa do Clegg, a narradora continua exercendo funções semelhantes as que já realizava anteriormente, como fazer companhia aos filhos do casal e ajudar em algumas funções domésticas. E algum tempo depois acaba sendo dispensada por ser presa ao ser pega pulando o muro da residência de sua senhora ao ir visitar sua família.⁹²

Ademais, depois que Kehinde é devolvida à sua senhora, ela pede para trabalhar como escrava de ganho e Ana Felipa concorda. Nesse momento da narrativa a personagem principal pede auxílio a Adeola, reforçando suas redes de apoio, para conseguir vender algo nas ruas de Salvador. Adeola se destaca na história devido à sua trajetória de vida, aliada à sua constante assistência a outras pessoas negras que necessitavam de amparo, seja em uma fuga ou mesmo um abrigo temporário. E após acertar todos os detalhes necessários para iniciar o trabalho e decidir pelos *cookies*, receita que aprendeu com os Clegg, Kehinde inicia sua jornada como ganhadeira. No início causa receio a escolha desse item devido a pouca familiaridade do doce no Brasil, mas logo faz muito sucesso e gera lucros consideráveis. Dessa renda, Kehinde deveria pagar a sua senhora uma quantia semanal com as vendas, diminuindo consideravelmente o valor

⁹⁰ Ibidem, p. 148.

⁹¹ Ibidem, p. 177.

⁹² Ibidem, pp.212 -228.

final. Em dado momento do livro ocorre uma briga entre Ana Felipa e Kehinde, e essa é expulsa da casa, não sendo permitido que levasse seu filho. A personagem principal consegue um lugar para morar e é nesse momento da trama que começa a se relacionar com os muçulmanos, e posteriormente se envolve com a Revolta de Malês. Passado algum tempo, sua senhora decide se mudar para a capital, o Rio de Janeiro, e nesse momento liberta alguns escravos que estavam com ela há muito tempo e por quem possuía certo apreço, como Esméria. Ana Felipa indica aqueles que iriam com a ela para a capital, como o Banjogô, filho de Kehinde, e os que seriam vendidos, como a narradora, causando grande impacto na trama. A partir de então, na tentativa de solucionar a situação, a personagem principal pede que se faça uma avaliação de quanto ela e seu filho valiam para que estes comprassem suas alforrias.⁹³ Entretanto, Ana Felipa colocou valores altos, os quais não seria possível pagar. Kehinde então faz um plano de dopar sua senhora para conseguir que essa assinasse as cartas:

Mostrei os papeis que estavam comigo, que eram a minha carta de alforria e a do Banjokô, pelas quais pagaríamos até um pouco a mais do que achava justo, um conto de réis pelas duas. Naquele momento, percebi que havia uma falha no plano, pois nós não tínhamos nenhuma testemunha de que ela havia se deitado com o Francisco de livre e espontânea vontade. Ela poderia ter me dito para chamar o padre, confrontaríamos as versões da história, ela diria que tínhamos tramado para chantageá-la e acabaríamos presos. As cartas precisavam ser assinadas logo, antes que passasse o efeito das ervas e do susto e ela começasse a raciocinar direito. Pedi que o Francisco a segurasse e dei um tapa no rosto dela, dizendo que ia apanhar muito se não assinasse logo, e em seguida coloquei as cartas e o resto do dinheiro em cima da secretária. O Francisco a levou até lá, e ainda um pouco atordoada, ela assinou.⁹⁴

Aqui, ficam claras as artimanhas realizadas pela protagonista para conseguir sua alforria e a de seu filho pagando por um preço “justo”, mostrando um episódio de resistência de tal personagem, já que ela luta para ficar junto de seu filho. Esse momento da história permite salientar uma disruptura da lógica escravocrata, já que, a partir do dinheiro das vendas dos *cookies*, foi possível alcançar a liberdade dos serviços forçados que era submetida. Logo, percebe-se como o trabalho desempenhava papéis diversos como o de oprimir e o de libertar no romance. A partir de então Kehinde se torna uma mulher livre e que daria continuidade as suas vendas, o que ao longo da história fica evidente seu talento para o comércio, já que, independentemente da área, conseguia bons lucros. Nessa época a narradora vai morar com

⁹³ Ibidem, p.327.

⁹⁴ Ibidem, p.348.

Alberto, um português e o pai de seu segundo filho, e um tempo depois montam uma padaria juntos⁹⁵. Tal relacionamento permanece até o momento que os lusos sofrem com as instabilidades políticas provenientes das insatisfações dos brasileiros com os portugueses no poder. É nesse episódio que Alberto troca Kehinde por uma mulher brasileira, para que conseguisse uma união estável com alguém nascido no Brasil para não ser enviado de volta a Portugal.⁹⁶ Pouco tempo depois, a narradora acaba perdendo seu primeiro filho devido a um infortúnio, onde esse estava brincando com uma faca e acaba se ferindo fatalmente e seu segundo filho graças a imprudências do pai, o qual o vende como escravo para pagar dívidas de jogo.⁹⁷ No que concerne ao trabalho a protagonista fecha sua padaria e inicia a produção e venda de charutos até o instante que decide se mudar para a capital em busca de pistas do sumiço de seu filho.⁹⁸

No Rio de Janeiro, a personagem busca por rastros de seu filho conhecido como Luiz ou seu nome africano Omutunde Adeleke Danbiran, o primeiro nome significa “a criança voltou” o segundo que a criança será “mais poderosa que os inimigos” e o último é uma homenagem realizada para avó de Kehinde e seus voduns, principalmente Dan.⁹⁹ Após um tempo de procura necessita começar a trabalhar com algo para se manter na cidade e a ocupação escolhida foi de ganhadeira, assim como em Salvador, mas agora vendia panos intitulados musselinas vindas da África, algo que também fez bastante sucesso e gerou bons lucros. A seguir um trecho que mostra o sucesso de vendas:

No dia em que eu tinha alguma pista para ir atrás de você, ficava no canto apenas à tarde, e mesmo assim os negócios eram muito bons porque quase ninguém mais tinha mercadorias iguais às minhas. A notícia de que em São Sebastião estavam sendo vendidos panos da costa legítimos e tecidos da África se espalhou pela cidade inteira, e aparecia gente de freguesias bem distantes, o que era ótimo para eu ficar sabendo notícias das redondezas, aproveitando para falar sobre você.¹⁰⁰

O canto de Kehinde se localizava na Rua do Sabão, próximo à Praça do Comércio. Nessa área havia em sua maioria vendedeiras angolanas, as quais aceitaram a presença da personagem principal devido a um pedido de um amigo chamado Piriri. Além disso, nessa freguesia era

⁹⁵ Ibidem, p.385.

⁹⁶ Ibidem, pp. 447-449.

⁹⁷ Ibidem, p. 466.

⁹⁸ Ibidem, p.639.

⁹⁹ Ibidem, pp. 401-404.

¹⁰⁰ Ibidem, p.682.

necessário o pagamento de uma quantia semanal para um inspetor para proteção de desordem e desmandos.¹⁰¹ Após algum tempo no Rio de Janeiro, sem encontrar o filho, Kehinde vai para outras localidades como São Paulo, mas sem nenhuma novidade sobre o desaparecimento, já marcado pelo sentimento de desilusão. Dessa forma, sem esperança de reencontrar Luiz, a narradora decide retornar à África.¹⁰² Ao chegar em sua terra natal, começa um novo empreendimento de construção de casas com a arquitetura brasileira, movida pelo fato de que grande parte daqueles que voltavam para o continente africano não se identificavam inteiramente com os costumes e o modo de vida, devido ao período passado no Brasil. Logo, uma residência que remetesse às brasileiras criaria um sentimento reconfortante para aqueles cuja identidade oscilava entre Brasil e África. Assim como os negócios anteriores de Kehinde, esse gerou uma grande lucratividade permitindo que ela possuísse um bom nível de vida juntamente com seu marido John, homem que encontra no caminho de volta para a África e que confia para a venda de suas mercadorias vindas da Bahia. Ambos formam uma família com filhos e netos, mas Luiza nunca se esquece de seu filho perdido até o momento de sua morte, quando retorna ao Brasil graças a pistas de que seria ele um advogado, abolicionista, que defendia escravos dada em cartas pelo filho do amigo advogado do marido da filha de José Carlos:

Na segunda carta, ele dava muitos detalhes sobre você, contando tudo sobre sua vida, que você era amanuense e que também advogava em favor dos escravos, conseguindo libertar muitos deles. Que você estava casado, tinha filhos e era maçom, que escrevia poesias e era muito respeitado por publicar artigos belíssimos e cheios de inteligência nos jornais mais importantes da cidade, e dava inclusive a sua morada.¹⁰³

Dessa forma, após analisar as diversas formas de trabalho que perpassam a história das mulheres negras em *Um defeito de cor* pode-se perceber como tal temática possui suma relevância dentro da narrativa, já que em diversos momentos a protagonista está envolvida em alguma ocupação que remete ou a instantes de opressão ou resistência. Isso fica claro desde o início do romance quando é submetida a escravidão, onde o trabalho estava ligado de forma mais contundente às formas de dominação. E em outros como quando é ganhadeira e consegue alcançar lucros para progredir financeiramente e criar negócios como a padaria e as construções

¹⁰¹ Ibidem, p.684.

¹⁰² Ibidem, pp.728-730.

¹⁰³ Ibidem, p.946.

de casas no estilo brasileiro na África. Ademais, ao refletir sobre o passado brasileiro das mulheres negra evidencia-se a importância do trabalho na construção da sua história – obviamente partiremos do pressuposto do protagonismo feminino e não há uma romantização do processo escravocrata das mulheres, já que foram elucidadas as diversas formas de exploração em que foram submetidas. Além disso, busca-se salientar como essas mulheres através de seus trabalhos conseguiram a compra ou mesmo o ganho de sua liberdade, e a partir de então conseguiram sustentar suas famílias com seus esforços, em que o puro e simples ato de ser mãe, chefe da família, nesse período já era uma ação de resistência, pois essa era uma tarefa árdua devido aos diversos obstáculos colocados pelo sistema escravocrata. No que diz respeito as ganhadeiras, essas foram a base comercial de algumas localidades brasileiras, possuindo o monopólio de determinados itens básicos de alimentação e sua ausência poderia ocasionar uma grande crise nos mercados.

Logo, é perceptível como Ana Maria Gonçalves buscou construir uma história que se amparasse elementos na historiografia, possivelmente através de historiadores que abordassem as especificidades do trabalho feminino negro, já que esse possui diversas problemáticas distintas dos demais como já salientado anteriormente. Um exemplo está relacionado ao trabalho reprodutivo, onde utilizasse da biologia da mulher para a produção de mão de obra ou mesmo a realização do abuso pelos donos devido ao sentimento de posse que possuíam em relação aos escravos. Outra situação está relacionada a maternidade onde muitas mães são privadas de um relacionamento com os filhos em detrimento das crianças para aqueles que trabalham, onde amas de leite acabam não alimentando os seus próprios bebês para dar a outros. Dessa forma, percebe-se como a autora de *Um defeito de cor* buscou salientar temas importantes para retratar em seu livro, entre eles o trabalho feminino negro discutido ao longo do capítulo e a maternidade que será o assunto do próximo, já que essa é o que incentiva a escrita do manuscrito pela narradora, dado que esse é feito para que seu filho perdido possa ler e conhecer a sua história e de sua família.

Capítulo 3: Maternidade negra e resistência em *Um defeito de cor*

Sou filho natural de uma negra, africana livre, da Costa Mina (Nagô de Nação) de nome Luiza Mahin, pagã, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã.

Minha mãe era baixa de estatura, magra, bonita, a cor era de um preto retinto e sem lustro, tinha os dentes alvíssimos como a neve, era muito altiva, geniosa, insofrida e vingativa.

Dava-se ao comércio – era quitandeira, muito laboriosa, e mais de uma vez, na Bahia, foi presa como suspeita de envolver-se em planos de insurreições de escravos, que não tiveram efeito.¹⁰⁴

Em carta escrita para seu amigo Lúcio de Mendonça, Luiz Gama narra as características de sua mãe, a qual nomeia por Luiza Mahin. Em sua descrição, o abolicionista revela a imagem que deseja construir para si e para sua progenitora. Ao forjar essa memória da mãe, Gama reforçava características que eram caras em suas lutas pela liberdade. Em seu relato aparecia uma mãe trabalhadora, valente, bonita, africana e que resistia das mais diversas formas à opressão da escravidão. A imagem construída sintetizadas muitas de suas lutas e dos significados da liberdade. Em *Orfeu da Carapinha – A trajetória de Luiz Gama na Imperial Cidade de São Paulo*, Elciene Azevedo mostra como Gama recriou essa mãe, que ganha uma dimensão “mítica”, símbolo das lutas que ele próprio havia tomado como suas. Além disso, discorre sobre como esse rábula abolicionista constrói uma ancestralidade africana através das características elencadas a mãe como coragem, os costumes e a cultura de seu povo¹⁰⁵.

Certamente impactada por essa imagem de Luiza Mahin, Ana Maria Gonçalves, em seu romance *Um defeito de cor*, desejou trazer para o primeiro plano a voz dessa figura feminina, que se tornaria uma espécie de síntese ficcional das muitas mulheres negras que tiveram que enfrentar a escravidão no Brasil. Da memória pública do abolicionista, onde a figura da mãe é forjada a partir das lutas pela liberdade, Luiza Mahin é resgatada por Ana Maria Gonçalves para inspirar a criação da personagem Kehinde. Contar a história da escravidão na literatura através do olhar de uma mulher negra que conquistou a própria liberdade tornava-se, então, um dos principais motes de *Um defeito de cor*. A partir de elementos de identificação, entre eles a maternidade, um assunto recorrente dentro da história do livro e muito caro a sociedade

¹⁰⁴ Carta de Luiz Gama a Lúcio de Mendonça, São Paulo, 25 de julho de 1880. Biblioteca Nacional/Manuscritos: Correspondência Avulsa. Este documento autobiográfico pode ser lido integralmente em Sud Mennucci, *O Precursor do Abolicionismo no Brasil (Luiz Gama)*, São Paulo: Nacional, 1938, p. 19-26.

¹⁰⁵ AZEVEDO, Elciene. *Orfeu da Carapinha – A trajetória de Luiz Gama na Imperial Cidade de São Paulo*. São Paulo: Unicamp, 1999. p.41-42.

brasileira durante o período escravocrata, as mulheres negras se tornam protagonistas da trama. Ao analisar a obra, ficam claras as semelhanças entre as descrições realizadas por Gama e as características da personagem principal do romance, Kehinde, evidenciando a ficcionalização realizada por Gonçalves nessa história. A obra foi escrita em primeira pessoa, no formato de um relato da mãe para o filho desaparecido, Kehinde quer contar sua vida e como, em boa parte dela, insistiu na busca por ele. Promovendo uma inversão, da carta do filho sobre a mãe para a missiva da mãe escrevendo ao filho, Gonçalves propõe um olhar com nova perspectiva (a de gênero) para o passado escravista e para as lutas pela liberdade. Kehinde, de diferentes maneiras, fora também abolicionista, lutando contra as opressões da escravidão. Assim, desde o princípio, pode-se perceber como a temática maternidade negra é um tema caro a esse romance, onde são possíveis identificar momentos que demonstram que ser mãe dentro desse contexto escravocrata brasileiro do século XIX pode ser encarado tanto como uma maneira de exploração quanto como uma forma de resistência.

No romance *Um defeito de cor* são inúmeras as passagens que abordam a temática da maternidade, além do fato de que o enredo em si só ocorre devido a urgência de Kehinde no leito de morte em relatar ao filho detalhes de sua vida e sua intensa procura por ele. No relato, podemos entender também um pedido de desculpas por sua prolongada ausência. Como já elucidado nos capítulos anteriores, Luiz (uma criança que nasce livre), filho de Kehinde, é vendido pelo pai, um homem português, para pagar dívidas de jogos, enquanto a personagem principal se ausentara de Salvador devido às perseguições decorrentes da Revolta de Malês. Esse é o fato central que pode ser salientado em relação a um vínculo oriundo de sentimentos maternos. E não deixa de ser simbólico que ela perca o filho no momento em que sofre as consequências por participar de uma insurreição contra a escravidão. Porém, é importante salientar, existem outros elementos na narrativa, como a primeira gestação de Kehinde, a qual foi oriunda de um estupro realizado pelo seu senhor, que revelam as várias facetas da discussão sobre a maternidade no romance. Várias são as situações na história que revelam a centralidade dessa temática: quando foi negado a Kehinde seu direito como mãe, devido a uma obsessão de sua sinhá pelo seu filho Banjakô, devido ao fato de essa nunca ter conseguido conceber uma criança; quando a senhora de Kehinde, Ana Felipa, empreende uma tentativa de separar mãe e filho a partir da venda da escrava, mas essa consegue resolver a situação, entre outras Das violências sexuais sofridas pelas mulheres, as quais poderiam resultar em uma gravidez e os

filhos dessas estavam fadados aos serviços forçados, gerando mais mão de obra para os senhores, às tentativas senhoriais de controle dessa maternidade, a experiência das mulheres vêm à tona no romance.

Ademais, algo extremamente interessante e que merece ser frisado refere-se ao fato de que todos os integrantes da família de Kehinde, com exceção de seu irmão, pouco explorado no romance, são mulheres. Estão entre esses personagens a sua avó, a mãe e a irmã, por exemplo, mostrando uma organização familiar predominantemente feminina. Dessa forma, boa parte das relações em destaque na história são maternas, essa era a realidade que a protagonista conhecia e foi um traço que carregou como espelho para o Brasil, onde criou seus filhos sozinha, contando apenas com a ajuda de Esméria, uma escrava que ajudou Kehinde desde a chegada ao engenho, sendo uma figura materna para ela. Um paralelo marcante é que, na narrativa, muitas das figuras masculinas levam uma carga negativa no desenrolar da história, como os pais dos filhos da personagem principal e os guerreiros que violentaram e mataram sua mãe. Diante disso, o que gostaria de salientar aqui é como as mulheres, dentro do romance de Gonçalves, são apresentadas como inspirações entre si, sendo essenciais nas criações de seus filhos, já que era comum a ausência paterna no período escravocrata.

Importante dizer que no livro evidenciam-se tanto as questões raciais quanto as de gênero, havendo a junção de ambas no caso de mulheres negras, uma vez que, além do racismo, há o machismo e a objetificação no tratamento e nas condições de vida dessas mulheres negras. Constatada a centralidade da temática maternidade dentro da obra, o presente capítulo buscará investigar as formas pelas quais a autora de *Um defeito de cor* tratou esse tema e como fez dele um elemento central para configurar uma imagem do passado escravocrata brasileiro.

I - Maternidade negra na historiografia brasileira

A obra *Um defeito de cor*, como já salientado em capítulos anteriores, possui referências bibliográficas (entre elas as historiográficas) no final do livro. Tais referências, incomuns em obras literárias, se tornam um elemento a mais no romance e parecem indicar (e corroborar) um certo entendimento do processo de escrita da autora. Ao esquadrihar os títulos e os assuntos centrais dos trabalhos listados por Gonçalves, pode-se perceber a ausência de pesquisas direcionadas especificamente à temática maternidade. Tal ausência não deixou de causar estranheza, devido à importância do tema no romance. Entretanto, há a possibilidade na listagem

a presença de textos que discorrem de forma sucinta sobre o tema sem que esse seja o tópico central dos trabalhos. Logo, como Gonçalves não permite que sigamos seus caminhos de estudos sobre maternidade de forma evidente, a seguir buscaremos analisar alguns textos que debatam direta ou indiretamente aquela que estamos aqui apontando como temática central do romance, salientando que os mesmos não são citados pela autora nas bibliografias. Entre eles há o trabalho de Sonia Roncador, que discorre sobre o mito da “mãe preta” no âmbito literário, que seria aquela escrava que, mesmo separada bruscamente de seus filhos, cuidaria das crianças dos senhores sem nenhum ressentimento, amando-as e tratando-as com carinho e reverência. A autora aponta um servilismo e uma fidelidade incondicional nessa figura que nos Estados Unidos ficou conhecida com *mammy*, não havendo diferenças marcantes na construção dessa mulher em relação ao Brasil. A seguir um trecho que corrobora no entendimento da ideia apresentada acima:

Trata-se da história de uma ama-de-leite escrava a quem foi negada a convivência com o próprio filho recém-nascido. Ao invés de ódio e revolta, seu coração, porém, “era acessível ao carinho”, era dado aos sentimentos de lealdade, resignação, subserviência, e ao amor maternal. Quando em contato com a criança branca, que lhe fora entregue para amamentar, “o vagido da recém-nascida lhe tocou a alma”, e a negra passou então a adorá-la tal qual um filho nascido de suas entranhas: “esquecendo-se do mal que lhe faziam pelo bem que ia prestar, tomou a criancinha, chegou-a ao seio e a amamentou devotamente”. Estava definido, nesse desconhecido folhetim, o mito literário da mãe-preta. Símbolo da fidelidade incondicional e servilismo absoluto à classe senhorial, a mãe-preta conviveu, portanto, na literatura oitocentista ao lado de uma imagem mais ameaçadora da escrava doméstica, misto de “vítima e algoz”, segundo a pena abolicionista de um escritor popular da época, Joaquim Manuel de Macedo.

[...]Negação tanto de sua raça quanto de seu gênero sexual, a mãe-preta é o contraponto domesticado, dócil desses dois “temíveis” estereótipos. Geralmente velha, corpulenta, supersticiosa, e fervorosamente católica, a mãe-preta não despertava qualquer perigo de degradação moral da família através da cópula com o senhor ou “sinhôzinho” brancos; além disso, sua índole fiel, mais devota às demandas da casa-grande que aos interesses da própria senzala, distanciava-a igualmente da figura do escravo revoltado, e vingativo.¹⁰⁶

Por esse olhar, a mulher negra escravizada surge como sinônimo de observância e servidão, marcada por um estereótipo de uma pessoa mais velha, a qual não despertava interesses sexuais em seus senhores. Em contraponto a essa imagem, havia também a figura das

¹⁰⁶ RONCADOR, Sonia. O mito da mãe preta no imaginário literário de raça e mestiçagem cultural. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº. 31. Brasília, 2008, pp-130-131.

domésticas que causavam “problemas” dentro da casa-grande por possuir características físicas que eram consideradas perigosas pelas sinhás porque incitavam a infidelidade de seus maridos, criando um aspecto de revolta e vingança entre senhoras e escravas, cujas relações eram caracterizadas pela hierarquização social. Logo, percebe-se uma negação de gênero no mito da “mãe preta” e uma exaltação e objetificação feita por homens brancos no segundo caso. Essa ilustração de uma mãe negra dócil perde espaço nos discursos abolicionistas e nas teorias raciais na virada do século XIX para o XX e volta a ganhar força por volta de 1930 e 1960. Nesse período, escritores modernistas, como Freyre e Lins do Rego, buscavam uma comprovação positiva da mestiçagem¹⁰⁷ e da democracia racial¹⁰⁸, sendo dessa forma a “mãe preta” uma figura muito pertinente e utilitarista para essas teorias, já que remetiam a uma harmonia entre negros e brancos. Esse provavelmente era apenas um mito, já que não houve nenhuma comprovação documental sobre a existência dessa figura materna idealizada. Ao contrário, dados dispostos no texto de Roncador indicam que a maioria das escravas que ocupavam esses trabalhos eram jovens, não condizendo com a mulher velha e dócil. Dessa forma, encontra-se aqui um discurso que, por um lado, buscava amenizar as tensões raciais da sociedade brasileira e, por outro, alimentava uma expectativa de servilismo das pessoas negras ao longo dos tempos corroborando para situações de semiescavidão.¹⁰⁹

Outra autora que discorre sobre a temática da maternidade negra é Maria Helena Machado, destacando o processo violento em que as mulheres escravas estavam submetidas, já que eram tidas como “posse” de seus senhores, estando constantemente sujeitas a estupros e diversas outras agressões. A autora aponta que, em muitas situações, essas agressões são personificadas pela negação da maternidade dessas mulheres, afastadas de seus próprios rebentos com o intuito de que voltassem ao trabalho, relegando os cuidados de suas crianças

¹⁰⁷ A mestiçagem como um fenômeno natural, isto é, como se fosse o resultado de uma pré-disposição dos portugueses para a mistura étnica, trabalha com a hipótese de que ela é fruto de um dispositivo de poder. De acordo com Gruzinski, o termo “mestiçagem” serve para designar as misturas que ocorreram em solo americano no século XVI entre seres humanos imaginários e formas de vida, vindos de quatro continentes, América, Europa, África e Ásia. GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. P.398.

¹⁰⁸ Segundo Domingues, é “[...] um sistema racial desprovido de qualquer barreira legal ou institucional para a igualdade racial, e, em certa medida, um sistema racial desprovido de qualquer manifestação de preconceito ou discriminação”. DOMINGUES, P. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). *Revista Diálogos Latino-americanos*. v. 10. 2005.

¹⁰⁹ RONCADOR, 2008, p.148.

para seus companheiros da senzala, para que não houvesse diminuição da capacidade produtiva da mãe. A seguir um trecho de Machado que ajuda a compreender tal cenário:

Em primeiro lugar, em um contexto de escravidão, que se baseia na apropriação legal dos corpos, o corpo da mulher escrava é duplamente violado. Como escrava, seu corpo é entendido enquanto instrumento de trabalho para geração de riquezas. Porém, por ser mulher, seu corpo é apropriado uma segunda vez pois ele é o espaço da reprodução da escravidão. No entanto, a reprodução da escravidão, isto é, a maternidade, acontece na espécie humana como fruto do sexo e do desejo. Portanto, em segundo lugar, ao falarmos da maternidade da mulher escrava, temos que pensar em termos relações íntimas que foram, de alguma maneira, atravessadas pela violência da escravidão.

Em terceiro, por ser escrava, isto é, por ter tido seu corpo apropriado por outrem como instrumento de trabalho para geração de riqueza alheia, seu papel como mãe aparece como contraditório. Parece bem claro que, embora em determinadas épocas e locais, a reprodução da escravidão tenha dependido do sucesso da maternidade escrava, a mulher escrava não foi considerada, em nenhum contexto, como mãe.

A leitura das fontes sobre o tratamento da mulher escrava é bastante clara neste sentido. Mesmo quando há interesse senhorial na reprodução, a amamentação dos filhos pequenos, a educação das crianças e todos aqueles aspectos atinentes à maternidade estão ausentes dos discursos dos senhores ou das políticas de tratamento da mão de obra escrava. A maternidade da escrava aparece quase como um acidente que é preciso contornar com políticas de criação das crianças em ambientes coletivos, sob a guarda de terceiros, de forma a não diminuir a capacidade de trabalho da mãe escrava. Isso sem contarmos com o perigo constante de separação pela venda.¹¹⁰

Assim, fica evidente como o processo escravocrata negava as mães seu papel como tal, como afirmado por Machado. A maternidade era considerada um acidente e que esse deveria ser contornado para não haver perdas na produtividade dessas mulheres. Outra autora importante sobre a temática é Angela Davis, que analisa o cenário dos EUA, ao salientar como as mulheres escravizadas não eram vistas como mães. Davis argumenta que essa função não podia ser exercida plenamente pelas mulheres escravizadas, uma vez que elas eram vistas apenas como ferramentas de serviço. A elas era atribuído apenas o poder de gerar mais mão-de-obra através do trabalho reprodutivo.¹¹¹ Destaca-se a diferença da maternidade para mães negras e brancas, onde as primeiras não tinham o direito de exercer tal função e as segundas

¹¹⁰ MACHADO, Maria Helena P. T. Escravizadas, libertandas e libertas: qual liberdade? In: *Instituições nefandas [recurso eletrônico]: o fim da escravidão e da servidão no Brasil, nos Estados Unidos e na Rússia* / organizadores Ivana Stolze Lima, Keila Grinberg, Daniel Aarão Reis. – Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2018. (pp.329-330)

¹¹¹ DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

possuíam tal papel como principal, sendo respeitada e caracterizadas como “frágeis e santificadas”, em contraponto às primeiras que eram enxergadas como animais. Percebe-se aqui como as mulheres negras eram tratadas como fêmeas, onde tinham apenas a capacidade e o encargo de “parir” outro ser, o qual seria lucrativo para seus donos, promovendo uma certa proximidade com a análise da realidade brasileira¹¹². No que toca especificadamente ao tema “maternidade” na obra *Um defeito de cor*, a doutoranda em teoria literária e literatura, Fabiana Carneiro da Silva, realiza reflexões importantes que devem ser elucidadas. No início de seu ensaio, Silva busca discorrer sobre o mito da “mãe preta”, que considera uma ilusão de harmonia entre as duas “raças”, já que essa ilustração busca mostrar uma situação em que uma mãe aceitaria de bom grado dedicar-se de forma incondicional ao filho de outra pessoa, mais especificadamente a de seu senhor.¹¹³

Silva, em consonância com Vânia Maria Ferreira de Vasconcelos, a precursora no estudo da temática maternidade no livro de Ana Maria Gonçalves.¹¹⁴ A premissa que ambas concordam e que também entramos em consenso está ligada à ideia que move o romance, já que essa baseia-se em uma mãe negra que constrói suas memórias e as registra para que seu filho tenha acesso. Outro ponto destacado sobre a narrativa refere-se a uma necessidade de Kehinde de comunicação com a criança perdida, até mesmo como uma forma de absolvição de sua culpa. Segundo Vasconcelos, essa narrativa de Kehinde provavelmente é compartilhada entre muitas africanas que foram trazidos para o Brasil escravizadas, sendo em muitos casos separadas de seus filhos¹¹⁵. Outra perspectiva salientada por Silva e Vasconcelos refere-se a como a construção da personagem de Kehinde se difere da “mãe preta” criada nas literaturas oitocentistas, uma vez que o romance de Gonçalves busca contradizer essa representação através da luta da personagem para exercer o papel de mãe na narrativa, assim como as constantes referências maternas e à ausência de figuras masculinas que ditam sua vida.¹¹⁶ Isso fica claro em momentos que Kehinde se envolve amorosamente com homens e permanece em

¹¹² SILVA, Fabiana Carneiro da. Maternidade negra em *Um defeito de cor*: a representação literária com disrupção do nacionalismo. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n.54, 2018. p.249.

¹¹³ Ibidem, p. 245.

¹¹⁴ VASCONCELOS, Vania Maria Ferreira de (2014). *No colo das iabás*: raça e gênero em escritoras afro-brasileiras contemporâneas. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília.

¹¹⁵ Ibidem, p. 182.

¹¹⁶ Ibidem, p. 181.

sua busca por uma independência financeira, não dependendo do sexo masculino para sobreviver ou mesmo aceitando ordens desses parceiros.¹¹⁷

Além disso, assemelhando-se aos momentos em que as mães negras são obrigadas a renunciar a sua função materna, a protagonista do romance acaba sendo afastada da convivência de Banjakô devido a obsessão que sua senhora tinha em cuidar dele. Na trama tal obsessão se explicaria pelo fato da senhora não conseguir ter seus próprios filhos. Ao analisar essa passagem de *Um defeito de cor*, percebe-se a hierarquia existente entre as experiências vivenciadas entre as mulheres brancas e as negras no século XIX no que tange à maternidade, já que uma mulher negra não pôde criar seu filho para que uma mulher branca suprisse seus caprichos. Como afirma Silva, há um deslocamento do mito da “mãe preta”, pois neste caso é a sinhá quem representa a mulher que opta por cuidar e amar o filho de outra, de uma escrava.¹¹⁸ Além do mais, algo que também é relevante ressaltar relaciona-se ao fato de que Kehinde não deixa de realizar outras tarefas e anseios de sua vida após tornar-se mãe, como é o caso de seu amor pela leitura e sua relação com Francisco. Percebe-se então uma representação com as contradições da maternidade e a realidade de que as mulheres possuem diversas outras facetas além da criação dos filhos, evidenciando um afastamento de idealizações. Uma reflexão extremamente pertinente realizada por Silva refere-se ao momento da narrativa em que a narradora retorna a África e lá consegue gerar gêmeos e criá-los, sem que os perdesse de alguma forma, algo que no Brasil não foi possível, já que essa consegue comprar sua liberdade e a de Banjakô no momento da história em que sua senhora resolve se mudar para o Rio de Janeiro planejando vendê-la para separá-la de seu filho¹¹⁹. Em sua terra natal consegue ter uma maternidade em sua completude, sem que fosse negado partes importantes do papel materno.¹²⁰ A seguir um trecho de Silva que permite compreender suas conclusões sobre a temática maternidade em *Um defeito de cor*:

Ao apresentar a relação entre mãe e filho negros como núcleo estruturante de seu romance, Ana Maria Gonçalves, autora que se enuncia como negra, permite que se visibilize esse emaranhado ideológico e reafirma a participação da literatura na disputa pelo que se compreende como Brasil, reapropriando-se a partir de um âmbito de interesses comprometido com a experiência sensível das comunidades negras nesse território. Esse gesto torna-se ainda

¹¹⁷ SILVA, 2018, p.253.

¹¹⁸ Ibidem, p.256.

¹¹⁹ GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. – 23ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2020. (p.327)

¹²⁰ SILVA, 2018, p.262.

mais explícito se a análise do romance for remetida de modo comparatista a outras narrativas historiográficas e literárias, sobretudo na contraposição com a figura da “mãe preta”. A polêmica contemporânea em torno da representação da Tia Nastácia e as considerações críticas de Natali sobre ela somam-se assim aos desenvolvimentos analíticos operados neste artigo e reforçam a compreensão da relevância da forma como a maternidade é representada em *Um defeito de cor* para a discussão sobre o nacionalismo no Brasil.¹²¹

Ao analisar a perspectiva apresentada por Vasconcelos e Silva em relação a maternidade negra em *Um defeito de cor* pode-se depreender como esse é um tema essencial para Ana Maria Gonçalves, assim como é um ponto caro para a história brasileira. Logo, a literatura corrobora no processo de reescrever e repensar elementos importantes da sociedade. A ficcionalização de Luiza Mahin permite uma reflexão acerca da maternidade no período escravocrata, como muitas mães foram negadas de exercer seu papel como tal, assim como muitas foram violentadas para que gerassem mais mão de obra para seus senhores. Dessa forma, pode-se perceber como o estudo das particularidades de gênero dentro da história se faz necessária, já que muitas foram as problemáticas distintas entre homens e mulheres negras ao longa da escravidão. E por último percebe-se alguns ecos importantes dentro da narrativa em relação aos estudos historiográficos sobre maternidade negra, principalmente em relação as violências sexuais sofridas por essas mulheres que poderiam resultar em gestações. Havia também as privações sofridas em relação ao contato com os filhos e até mesmo as inversões de papéis salientadas por Vasconcelos na narrativa que pressupõem um conhecimento prévio de Ana Maria Gonçalves em relação a bibliografias sobre essa temática, entretanto, a maioria dos estudos são bastante recentes, já existiam alguns ensaios a respeito na época de publicação de *Um defeito de cor*, mas eram poucos. Talvez tal ausência se justifique justamente devido a poucos trabalhos sobre tal assunto no período de escrita do livro sendo incluídos através de obras que não possuem maternidade negra como tema central.

II - A maternidade negra como fio condutor em *Um defeito de cor*

A análise de *Um defeito de cor* permite observar semelhanças entre diversas caracterizações realizadas por Luiz Gama em suas cartas autobiográficas sobre sua mãe e as especificidades de aspectos atribuídos a Kehinde. Logo, Ana Maria Gonçalves parte de características conferidas pelo filho de Luiza Mahin para construir a personalidade da personagem principal, partindo assim do olhar ou mesmo do imaginário de uma relação

¹²¹ Ibidem, p.267.

maternal.¹²² Além disso, temos o fato de que a narrativa se embasa em uma mãe que, devido a perda de seu filho, escreve um relato de sua história para que esse um dia possa conhecer suas origens, aliado a uma forma de pedir desculpas pela ausência no momento de maior necessidade. Dessa forma, pode-se perceber como a temática maternidade negra é cara a narrativa, já que está incrustada na elaboração/estrutura do livro. A seguir buscaremos salientar momentos da história que também corroborem no entendimento da importância de tal temática na obra, já que essa é uma das marcas primordiais de diferença de gênero no período escravocrata. Ou seja, foi um dos aspectos que eram unicamente encontrados no caminho das mulheres negras.

Ao examinar o romance, percebe-se que a base familiar de Kehinde é constituída por mulheres, todas as suas referências vêm de relações maternas. No início do livro, quando a história ainda é ambientada no continente africano e a narradora conta sobre as pessoas em sua volta, percebe-se como as figuras de mulheres são centrais na vida da personagem. Exemplo disso é sua mãe, que foi largada à própria sorte pelo marido por não conseguir engravidar, e sua avó, ambas mulheres fortes que criaram três crianças a partir de seus esforços. Em contrapartida, os homens são marcados desde o princípio como aqueles que abusam de mulheres e crianças, delineando assim a desconfiança com o sexo masculino e a irrelevância dos mesmos na configuração familiar de Kehinde.¹²³ Isso evidencia-se no decorrer do livro, uma vez que as relações amorosas que a narradora estabelece ao longo de seu relato não são essenciais em sua vida, já que a pessoa que a acompanha desde sua chegada ao Brasil é Esméria¹²⁴, uma mulher escrava que a acolhe como filha, permanecendo a predominância do vínculo materno na obra. A seguir o trecho do nascimento do segundo filho de Kehinde. Na cena, a protagonista mostra alívio por estar acompanhada apenas de Esméria nesse momento:

¹²² Carta de Luiz Gama a Lúcio de Mendonça, São Paulo, 25 de julho de 1880. Biblioteca Nacional/Manuscritos: Correspondência Avulsa. Este documento autobiográfico pode ser lido integralmente em Sud Mennucci, *O Precursor do Abolicionismo no Brasil (Luiz Gama)*, São Paulo: Nacional, 1938, p. 19-26.

¹²³ GONÇALVES, 2020. pp.19-23.

¹²⁴ A personagem Esméria, uma escrava que consegue conquistar sua carta de alforria, se insere na vida de Kehinde a partir do momento que chega na fazenda de José Carlos, onde recebe total apoio de Esméria, uma relação que se estende até o instante de sua morte, passa então a exercer um papel materno na vida da narradora, estando sempre ao seu lado e ajudando na criação de seus filhos. Essa figura dentro da narrativa, enquanto escravizada, remete a uma pessoa que já “aceitou” sua condição de escrava e busca a partir de uma boa relação com os senhores um meio de sobreviver a esse mundo, uma tática comum aqueles que trabalhavam na casa grande. Dentro do romance, tal estratégia possui êxito, já que sua sinhá lhe confere a liberdade devido ao grande período e boa relação que possuía.

Foi tudo muito rápido, e quando entramos no quarto onde o Alberto indicou que havia uma esteira, depois de dizer que ia à procura de cadeirinhas que nos levassem de volta para casa, eu disse que não daria tempo. [...] O Alberto estava apavorado, e até gostei quando ele perguntou se eu podia ficar sozinha enquanto ia à procura de uma aparadeira. Eu disse que sim, que me sentiria mais segura tendo uma aparadeira por perto, mas na verdade queria mesmo era me livrar dele, que estava me deixando nervosa. [...] Era como se uma pessoa estivesse cantando uma música muito bonita e suave ao mesmo tempo que me embalava, fazendo com que eu ficasse com sono, o mesmo efeito causado pelo cheiro da minha mãe ou da minha avó. Comecei a sorrir, e estava quase tendo meu filho sozinha naquele quarto vazio e estranho quando a Esméria voltou com alguns panos pendurados no ombro e um tacho de água quente. Ela nem teve tempo de perguntar pelo Alberto; apenas se agachou entre minhas pernas e aparou meu filho, dizendo que era menino, perfeitozinho.¹²⁵

Dessa forma, no trecho acima, fica perceptível a forte presença da mãe e da avó da protagonista nesse momento tão crucial. Elas são as referências maternas importantes para Kehinde, juntamente com Esméria, que se tornou uma segunda mãe para ela no Brasil. Vale ressaltar que Esméria foi a única pessoa presente no local durante o momento do nascimento, algo significativo. A análise de *Um defeito de cor* permite observar como a autora buscou salientar referências muito relevantes no que se refere as questões de gênero, mais especificadamente no que diz respeito às problemáticas relacionadas as mulheres negras no século XIX. Além disso, a própria escolha de ficcionalizar a história de Luiza Mahin, uma figura extremamente forte na história da escravidão brasileira e um símbolo da Revolta de Malês, é algo a ser destacado, já que Ana Maria Gonçalves optou por dar voz a essa imagem mítica descrita por Gama em suas cartas autobiográficas. E a partir da suposta história de Mahin, Gonçalves resgata temáticas e memórias relevantes no propósito de fomentar novos debates, os quais estão sendo cada vez mais discutidos no campo historiográfico, no intuito revisitar eventos históricos pautados em novas perspectivas. Luiza Mahin, - ou ainda as mulheres negras escravizadas - resistiu das mais diferentes formas à opressão vigente naquele mundo escravocrata. Com laços de solidariedade, com trabalho, sobreviveram e enfrentaram um mundo marcado pela violência.

No que tange a chegada de Kehinde no Brasil, essa logo é comprada por José Carlos, passa a viver no engenho e trabalhar na casa grande e ao longo do tempo vai crescendo e despertando o interesse de seu senhor. Em dado momento da trama, a protagonista começa a se

¹²⁵ GONÇALVES, 2006, p.398.

relacionar com outro escravo chamado Lourenço e isso desperta a ira do fazendeiro, que acreditava ter o direito sobre o corpo e a vida de seus escravizados, incluindo a virgindade das escravas que lhe pertenciam. E partindo dessa ideia de posse, José Carlos estupra a narradora e dessa violência surge uma nova vida, vida que estaria fadada ao trabalho forçado assim como sua mãe.¹²⁶ Essa situação vivenciada por Kehinde foi recorrente na realidade das mulheres negras durante o período escravocrata, onde essas eram tratadas como fêmeas que tinham como objetivo gerar mais mão de obra e lucratividade para os senhores, esse cenário foi salientado por Maria Helena Machado anteriormente.¹²⁷

Ademais, algo interessante e inusitado em relação a dois episódios do romance ligam-se ao fato de que Ana Felipa em dado momento consegue uma ama-de-leite para alimentar a criança de Kehinde e em outro instante é flagrada tentando dar o próprio peito a mesma, promovendo uma inversão de condutas ao que se estava habituado no cotidiano da maternidade negra no Brasil. Ao analisar essa passagem percebe-se aqui que Ana Maria Gonçalves realizou um movimento de contrapor a ideia de fertilidade e maternidade daquilo que era considerado corriqueiro durante o século XIX haja vista que uma mulher branca, o símbolo da maternidade no país, é retratada como infértil. No que diz respeito a essa condição, na trama é levantada a hipótese de que as escravas colocavam ervas e elementos abortivos na comida de sua senhora para que essa continuasse na impossibilidade de ser mãe. Por outro lado, Kehinde é representada como uma mulher fértil, visto que conseguiu conceber um filho do marido de Ana Felipa, algo que essa não foi capaz. Entretanto, uma situação que representa os privilégios brancos em relação aos negros refere-se ao fato de uma escrava foi submetida a ausência do filho para que uma senhora pudesse suprir suas necessidades, mostrando o que muitas mulheres e mães negras eram sujeitadas no período escravocrata. A seguir o trecho em que essas passagens podem ser identificadas na obra:

Nos três primeiros dias eu não conseguia amamentar o Banjakô, pois meu peito estava seco, e tive medo que ele se apegasse demais à mãe de leite que a senhora arrumou, a Joana, escrava de uma vizinha. [...] A Joana continuou dando leite para ele por mais algum tempo, porque a senhora tinha medo que meu leite fosse ralo e fraco. Ela realmente gostava muito do menino, que, para falar a verdade, poderia muito bem passar por filho dela, filho de branco. Se não fosse pelos olhos claros seria pela cor da pele e os traços delicados, os lábios pequenos, o nariz bem-feito. Para continuar assim, a senhora disse que eu

¹²⁶ Ibidem, p. pp.170-173.

¹²⁷ MACHADO, 2018, p.329.

sempre deveria me lembrar de usar meus dedos como se estivesse moldando o nariz dele, apertando as laterais desde a base até as marinas, para não deixar que se esparramasse.

[...]Esquecendo-se disso, a Antônia uma vez entrou no quarto e a viu sentada na poltrona com ele no colo. A poltrona ficava de costas para a porta, mas ela teve quase certeza de que a sinhá estava tentando dar o peito a ele, que resmungava baixinho e se calava quando ela começa a cantar. A sinhá não chegou a vê-la; a Antônia saiu em silêncio, do jeito que tinha entrado, espantada com a cena.¹²⁸

Como já elucidado anteriormente, Kehinde participou da Revolta de Malês, ocorrida em 1835 em Salvador. Ao averiguar os tópicos que cercaram tal episódio na narrativa percebe-se como esse foi caro na vida da personagem, o que possivelmente foi o objetivo de Ana Maria Gonçalves realizando uma alusão às severas consequências que os participantes da revolta pagaram. No que tange ao romance, a personagem principal perde seu primeiro filho por um incidente com uma faca dos muçurumins (aqueles que organizaram a revolta). E depois da derrota e da morte de muitos integrantes houve muita perseguição devido ao medo de que algo semelhante voltasse a ocorrer. Kehinde, com medo de ser pega, resolve sair da cidade por um período e deixa seu segundo filho aos cuidados de seus amigos e do pai da criança. Entretanto, durante essa temporada Alberto vende seu filho como escravo, fazendo com que a narradora carregue uma parcela de culpa pelo ocorrido, principalmente no sumiço de Luiz, já que essa procura incansavelmente por ele por anos até que resolve retornar a África.¹²⁹

Algo que também merece destaque na obra refere-se ao fato de que Ana Maria Gonçalves busca retratar a complexidade da maternidade, não realizando reducionismos ou romantizando tal relação. Kehinde amava seus filhos de forma incondicional, mas isso não impedia de que essa vivesse sua vida para além da maternidade, cultivando suas outras paixões como a leitura e os relacionamentos amorosos. A seguir um trecho do livro que aborda tal questão, no momento da narrativa em que a narradora não mora mais na casa de sua sinhá, afastando-se assim de sua família e amigos:

Às vezes eu me sentia culpada por estar feliz longe dos meus amigos, do Francisco e principalmente do Banjakô. Mas cada vez eu sentia mais vontade de trabalhar muito e, nas horas vagas, de ler, achando perda de tempo algo além disso. A Adeola brincava comigo, dizendo que ou estava enlouquecendo

¹²⁸ GONÇALVES, 2006, pp.190-191.

¹²⁹ Ibidem, p. 631.

ou querendo roubar o homem dela, compartilhando as coisas de que ele mais gostava.¹³⁰

Dessa forma, percebe-se um novo olhar sob tais questões, já que Ana Maria Gonçalves remonta ficcionalmente momentos importantes da história do Brasil a partir da perspectiva do século XXI, evidencia-se aqui uma narrativa que mostra uma mulher em suas diversas facetas, não apenas como mãe, mostrando que, mesmo amando e priorizando os filhos, ainda possui uma vida para além deles. E percebe-se também um sentimento de culpa por realizar e gostar de outras tarefas que não estivessem relacionadas a maternidade, pois tal concepção já estava incrustada na mentalidade da sociedade brasileira. Logo, ao realizar a análise de partes da obra que possuem relação com a maternidade negra, podemos fazer alguns apontamentos, entre eles a diferença entre ser mãe para as mulheres negras e as brancas de acordo com a história escrita por Ana Maria Gonçalves. Na primeira situação, enfrenta-se grandes desafios, sendo o primeiro deles a aceitação de que o filho nascerá destinado à escravidão. Somente com a Lei do Ventre Livre¹³¹, em 1871, tal cenário se modifica. Além disso, o papel materno é subjugado pelos senhores, que priorizam o lucro e a produtividade máxima, impedindo assim que as mulheres passem muito tempo com seus filhos. Estes são criados com a ajuda de todos da senzala, tratando a gravidez e suas consequências como adversidades a serem superadas. Em contraponto as dificuldades apresentadas anteriormente, as mulheres brancas eram o símbolo da maternidade no Brasil, sendo tal função colocada como principal em suas vidas, obviamente aqui encontra-se outros problemas relacionados ao machismo, entretanto, percebe-se que a sociedade consegue enxergar tais mulheres como mães, algo que não acontece plenamente com a maternidade negra.

Ademais, outra questão que pode ser salientada refere-se aos abusos sofridas por mulheres negras, ato cometido em muitos casos pelos senhores que entendiam que o corpo das servas estava disponível para suprir seus desejos sexuais. Ou mesmo visavam o trabalho reprodutivo, onde buscava-se aumentar o número de escravos através da procriação, o que evidencia um olhar sob tais mulheres a partir de referências animais, mais especificadamente fêmeas que necessitam gerar mais lucro para seu dono. Nesses casos as mulheres negras, como

¹³⁰ Ibidem, p.278.

¹³¹ A Lei do Ventre Livre estabeleceu que os filhos nasceriam em teoria livres, mas permaneceriam com a mãe escravizada até os 8 anos e a partir dessa idade até os 21 anos continuariam na propriedade do senhor ou caso ele não quisesse dariam sob os cuidados do Estado.

Kehinde, sofriam com a violência e com o fato de que as relações sexuais não podiam ser uma escolha para as mesmas, passando a ser mais uma forma de trabalho e exploração. Algo que Ana Maria Gonçalves ressalta em seu livro e que merece destaque relaciona-se a importância das referências maternas no romance, isso fica claro no momento do nascimento do segundo filho da protagonista, momento que essa sente a presença de sua mãe e avó o que lhe proporciona um instante de calma e ternura, uma memória que também carrega o continente africano e seus costumes, uma cena muito simbólica que ressalta a relevância das raízes e das relações maternas. Em contrapartida, a imagem masculina construída por Gonçalves carrega um aspecto negativo, pessoas que não são confiáveis e pouco presentes na criação de seus filhos, como por exemplo Alberto que vende o filho para pagar dívidas de jogos.¹³²

Ana Maria Gonçalves em seu romance não utilizou de simplificações para construir as relações entre os personagens e nesse capítulo podemos acompanhar essa perspectiva no que se refere à maternidade, já que as mulheres não são apenas mães a partir do momento que geram uma criança, continuam tendo diversas outras funções e paixões. Dessa forma, é perceptível a relevância do tema maternidade negra em *Um defeito de cor* aliado a possibilidade de que, a partir da obra, potencialmente haja a criação de novos olhares para a história brasileira, buscando salientar as diferenças existentes nas vivências de mulheres e homens negros durante a escravidão e buscar realizar debates historiográficos acerca desse tema, os quais já estão sendo realizados, mas que ainda precisam de muitos esforços. E ao pesquisar sobre os ensaios existentes sobre o assunto, percebe-se que algumas discussões já se utilizam do livro, como Fabiana Carneiro da Silva, mas a partir da perspectiva da Letras. Relembrando a estruturação do romance, onde verifica-se a presença de bibliografias tem-se a ideia de esse tema ocupará uma das linhas, porém não existe nenhuma referência que mostre tal temática como central, mas isso é algo já esperado devido aos poucos trabalhos que discorram exclusivamente sobre maternidade negra, esse é um tema recente e que cada vez mais parece ganhar espaço, principalmente aliado a literatura.

¹³² GONÇALVES, 2006, p.633.

Considerações Finais

O presente trabalho buscou realizar uma análise da literatura como fonte história, focalizando a experiência das mulheres negras na obra *Um defeito de cor*. Escolher as temáticas a serem abordadas foi uma tarefa difícil, já que Ana Maria Gonçalves tocou em diversos temas caros a sociedade brasileira durante o século XIX, obviamente não possuindo nenhuma responsabilidade direta com o discurso histórico, mas preocupou-se em delinear cenários que remetessem a sociedade brasileira da época e as problemáticas que a cercava. Entretanto, ao pensarmos os principais assuntos que calam fundo nas vivências de mulheres negras no período escravocrata, faz-se importante salientar: o trabalho e a maternidade. Não ao acaso são pontos essenciais para a construção da narrativa de Gonçalves, pois o trabalho permeia boa parte da história e a maternidade é o que embasa sua criação. Para além disso, houve uma preocupação em examinar a construção do romance, o qual como já frisado ao longo dos capítulos possui algumas peculiaridades, assim buscou-se compreender as motivações da autora na construção desse ensaio.

Dessa forma, ao longo do primeiro capítulo, algumas questões foram levantadas, dentre elas o questionamento sobre a utilização da História apenas como pano de fundo no romance. Ao final, pode-se concluir que *Um defeito de cor* permite uma reflexão sobre a formação do Brasil e da sociedade brasileira, revelando como a independência e eventos subsequentes estão intrinsecamente ligados ao interesse da elite em manter a escravidão. No entanto, há uma memória de silenciamento das classes populares e da população negra durante esses episódios políticos, onde as disputas e tensões frequentemente resultaram na exclusão dos negros. Porém, através de narrativas como a de Ana Maria Gonçalves, é possível revisitar o passado a partir da perspectiva de uma mulher negra escravizada. Com base nisso, é possível abordar o presente, uma vez que ainda persistem vestígios da escravidão. Outro questionamento realizado refere-se à estrutura proposta por Ana Maria Gonçalves, que possivelmente pretendia realizar uma provocação, principalmente para a História, pois essa, por muito tempo, não deu a devida atenção à perspectiva de povos como os afro-brasileiros.

No segundo capítulo, foi possível inferir que Ana Maria Gonçalves buscou construir uma história que se apoiasse em elementos da historiografia, provavelmente utilizando contribuições de historiadores que abordassem as especificidades do trabalho feminino negro,

uma vez que esse possui diversas problemáticas distintas dos demais, como já salientado ao longo da monografia. Assim, ao refletirmos sobre o trabalho feminino negro, percebe-se como a autora de *Um defeito de cor* buscou enfatizar temas importantes como esse em sua obra, destacando questões que ainda ressoam profundamente nas mulheres negras no século XXI. No último capítulo, da mesma forma que no anterior, buscou-se uma temática de significativa relevância para análise na obra, mais precisamente a maternidade negra, pois ela sustenta toda a narrativa, em que uma mãe escreve sobre sua vida e sua incansável busca pelo filho perdido. Dessa maneira, torna-se evidente a importância do tema da maternidade negra em *Um defeito de cor*, bem como a possibilidade de a obra abrir espaço para novas perspectivas sobre a história brasileira, considerando o olhar e as problemáticas da atualidade. Essas perspectivas visam destacar as diferentes experiências vivenciadas por mulheres e homens negros durante a escravidão, promovendo debates historiográficos sobre o assunto. Embora já estejam ocorrendo algumas discussões nesse sentido, ainda é necessário empreender muitos esforços nesse campo. Portanto, ao realizar algumas das diversas possibilidades de análises do romance, é possível compreender a relevância desse livro na literatura brasileira, pois ele revisita o passado da história do Brasil a partir do ponto de vista de uma mulher negra, sem reducionismos, mostrando a complexidade existente nas relações interpessoais.

Fontes

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. – 23ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2020.

Cadernos negros 6. (org. Quilombhoje). São Paulo: Ed. dos Autores, 1983.

Carta de Luiz Gama a Lúcio de Mendonça, São Paulo, 25 de julho de 1880. Biblioteca Nacional/Manuscritos: Correspondência Avulsa. Este documento autobiográfico pode ser lido integralmente em Sud Mennucci, *O Precursor do Abolicionismo no Brasil (Luiz Gama)*, São Paulo: Nacional, 1938.

Referências Bibliográficas

AUGEL, Moema Parente. “e Agora Falamos Nós”: Literatura Feminina Afro-Brasileira. *Literafro: o portal da literatura afro-brasileira*, 1996.

AZEVEDO, Elciene. *Orfeu da Carapinha – A trajetória de Luiz Gama na Imperial Cidade de São Paulo*. São Paulo: Unicamp, 1999.

BRASIL. Lei nº 10.639/03, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, seção 1, p.1 – 10/01/2003.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998 (Coleção Histórias do Brasil).

Coleção das leis do Império do Brasil, tomo XXXI, Parte 1, Rio de Janeiro, Tipografia Imperial, 1871, pp. 197-215, artigo 4 (parágrafos 1 e 2).

CONCEIÇÃO, Sônia Fátima, *Cadernos Negros*, nº 6, 1983, p. 55.

CRUZ, Adélcio de Souza. Memórias da violência: “Cenas Primordiais” em *Um defeito de cor*. *Literafro*: Belo Horizonte.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOMINGUES, P. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). *Revista Diálogos Latino-americanos*. v. 10. 2005.

DUARTE, Eduardo de Assis. Margens da história: a revisitação do passado na ficção afro-brasileira. In: SISCAR, Marcos; NATALI, Marcos (Org.). *Margens da democracia: a literatura e a questão da diferença*. Campinas, SP / São Paulo, SP: Editora da Unicamp / Editora da USP, 2015, p. 167-189.

FARIAS, Juliana Barreto. Emília Soares do Patrocínio e as pretas minas do mercado Rio de Janeiro, século XIX. *Crítica Histórica*, jul. 2019.

FILHO, Antônio Gonçalves. Escravidão brasileira ganha saga de fôlego. *Estadão*, 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/artes/escravidao-brasileira-ganha-saga-de-folego/>. Acesso em: 29 de março de 2023.

GAY, Peter. *Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GINZBURG, Carlos. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOMES, Flávio S.; SOARES, Carlos E. Líbano. “Dizem as quitandeiras”: ocupações urbanas e identidades étnicas numa cidade escravista: Rio de Janeiro, século XIX”. *Acervo*, v.15, n.2, jul./dez.2002.

GONÇALVES, Ana Maria. Ana Maria Gonçalves fala de leituras, escritas e produção literária negra. [Entrevista concedida a] Caroline Costa Gomes. *Fundação Pedro Calmon*, setembro de 2015.

GONÇALVES, Ana Maria. *Ao lado e à margem do que sentes por mim*. Salvador: Borboletas, 2002.

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MACHADO, Maria Helena P. T. Escravizadas, libertandas e libertas: qual liberdade? In: LIMA, Ivana Stolze. *Instituições Nefandas: O fim da escravidão e da servidão no Brasil, nos Estados Unidos e na Rússia*. Fundação Casa de Rui Barbosa, 2018 pp.327-337.

MIRANDA, Karoline Nascimento. Mulher negra, trabalho e resistência: escravizadas, libertas e profissões no século XIX. *Epígrafe*, São Paulo, v.7, n.7, pp.83-96, 2019.

NETO, Arman. Sobre “Ao lado e à margem do que sentes por mim”, de Ana Maria Gonçalves e o alvorecer literário. *Medium*, 2018. Disponível em: <https://medium.com/impres%C3%B5es-de-maria/sobre-ao-lado-e-%C3%A0-margem-do-que-sentes-por-mim-de-ana-maria-gon%C3%A7alves-e-o-alvorecer-liter%C3%A1rio-a802c82c413> . Acesso em: 03 de setembro de 2021.

NOGUEIRA, Isabela Pretti. Cadernos Negros: a literatura nacional como difusão de consciência. *Centro Cultural São Paulo - CCSP*; São Paulo. Disponível em: <https://centrocultural.sp.gov.br/2020/03/11/cadernos-negros-a-literatura-nacional-como-difusao-de-consciencia/>. Acesso em: 07 de março de 2023.

RANGEL, Moema Parente. “e Agora Falamos Nós”: Literatura Feminina Afro-Brasileira. *Literafro: o portal da literatura afro-brasileira*, 1996.

REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RKAIN, Jamyle. Um registro historiográfico por Ana Maria Gonçalves. *Arte brasileiros*, 2020. Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/arte/um-defeito-de-cor-um-registro-historiografico-por-ana-maria-goncalves/>. Acesso em: 24 de março de 2023.

RONCADOR, Sonia. O mito da mãe preta no imaginário literário de raça e mestiçagem cultural. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº. 31. Brasília, 2008.

SANTOS, Ynaê. *Racismo brasileiro: uma história da formação do país*. São Paulo: Todavia, 2022.

SILVA, Fabiana Carneiro da. Quando o que se discute é a realidade: Um defeito de cor como provocação à história. *Afro-Ásia*, núm. 55, pp. 71-108, 2017.

SOARES, Cecília Moreira. *Mulher negra na Bahia no século XIX*. Universidade Federal da Bahia, 1994.

SOUSA, Caroline Passarini. TARDIVO, Giovana Puppini. HAACH, Marina Camilo. Localizando a mulher escravizada nos Mundos do Trabalho. *Cantareira*, 34ª ed. Jan-Jun, 2021.

VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil imperial: 1822-1889*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

VASCONCELOS, Vania Maria Ferreira de (2014). *No colo das iabás: raça e gênero em escritoras afro-brasileiras contemporâneas*. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília.